

**Texto extraído do Livro Obras Póstumas
Allan Kardec**

Segunda Parte

Minha primeira iniciação no Espiritismo

Foi em 1854 que ouvi falar, pela primeira vez, das mesas girantes. Um dia, encontrei o Sr. Fortier, o magnetizador, que conhecia há muito tempo; ele me disse: Sabeis a singular propriedade que se acaba de descobrir no magnetismo? Parece que não são somente os indivíduos que se magnetizam, mas as mesas que se fazem girar e caminhar à vontade. - "É muito singular, com efeito, respondi; mas, a rigor, isso não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode muito bem agir sobre os corpos inertes e fazê-los mover." Os relatos, que os jornais publicaram, de experiências feitas em Nantes e Marselha, e em algumas outras cidades, não podiam deixar dúvida sobre a realidade do fenômeno.

Algum tempo depois revi o Sr. Fortier, e ele me disse: "Eis que é muito mais extraordinário; não só se faz a mesa girar magnetizando-a, mas a faz falar; interrogada ela responde. – Isto, repliquei, é uma outra questão; creerei nisso quando o vir, e quando se me tiver provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir, e que possa se tornar sonâmbula; até lá, permiti-me nisso não ver senão uma história de fazer dormir."

Este raciocínio era lógico; eu concebia a possibilidade do movimento por uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente material. Estava na posição dos incrédulos de nossos dias que negam porque não vêem senão um fato do qual não se dão conta. Há 50 anos, se se tivesse dito, pura e simplesmente, a alguém que se podia transmitir um despacho a 500 léguas, e receber-lhe a resposta em uma hora, se vos riria na cara, não teriam faltado excelentes razões científicas para provar que a coisa era materialmente impossível. Hoje, quando a lei da eletricidade é conhecida, isto não espanta ninguém, mesmo os camponeses. Ocorre o mesmo com todos os fenômenos espíritos; para quem não conhece as leis que o regem, parecem sobrenaturais, maravilhosos, e, por consequência, impossíveis e ridículos; uma vez conhecida a lei, o maravilhoso desaparece; a coisa nada mais tem que repugne à razão, porque se lhe compreende a possibilidade.

Disso estava, pois, no período de um fato inexplicado, em aparência contrário às leis da Natureza, e que a minha razão repelia. Ainda nada tinha visto, nem nada observado; as experiências, feitas na presença de pessoas honradas e dignas de fé, me confirmaram na possibilidade do efeito puramente material, mas a idéia de uma mesa falante não entrava ainda no meu cérebro.

No ano seguinte, era no começo de 1855, encontrei o Sr. Carlotti, um amigo de vinte e cinco anos, que me entreteve com esses fenômenos durante quase uma hora, com o entusiasmo que punha em todas as idéias novas. O Sr. Carlotti era Corso, de uma natureza ardente e enérgica; sempre estimara nele as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, mas desconfiava de sua exaltação. Foi primeiro que me falou da intervenção dos Espíritos, e me contou tantas coisas surpreendentes que, longe de me convencer, aumentou as minhas dúvidas. Sereis um dia dos nossos, disse-me. Não digo não, respondi-lhe; veremos isso mais tarde.

Algum tempo depois, pelo mês de maio de 1855, me encontrei na casa da sonâmbula, Sra. Roger, com o Sr. Fortier, seu magnetizador; encontrei o Sr. Pâtier e a Sra. de Plainemaison que me falaram desses fenômenos no mesmo sentido do Sr. Carlotti, mas num outro tom. O Sr. Pâtier era um funcionário público, de uma certa idade, homem muito instruído, de um caráter sério, frio e

calmo; sua linguagem firme, isenta de todo entusiasmo, fez sobre mim uma viva impressão, e, quando me ofereceu para assistir às experiências, que ocorriam na casa da Sra. de Plainemaison, rua Grange-Batelière, nº 18, aceitei prontamente. O encontro foi marcado para a terça-feira, mas, às oito horas da noite.

Foi lá, pela primeira vez, que fui testemunha do fenômeno das mesas girantes, e isso em condições tais que não me era mais possível a dúvida. Vi também algumas tentativas, muito imperfeitas, de escrita medianímica, sobre uma ardósia, com a ajuda de uma cesta. As minhas idéias estavam longe de ser detidas, mas havia ali um fato que deveria ter uma causa. Entrevi, sob essas futilidades aparentes e a espécie de jogo que se fazia desses fenômenos, alguma coisa de séria, e como a revelação de uma nova lei, que me prometia aprofundar.

Logo se ofereceu a ocasião de observar mais atentamente do que não o havia feito ainda. Num dos saraus da Sra. de Plainemaison, conheci a família Baudin, que morava então na rua Rochechouart. O Sr. Baudin ofereceu-me para assistir às sessões semanais que ocorriam em sua casa, e para as quais fui, desde esse momento, muito assíduo.

Essas reuniões eram bastante numerosas; além dos habituais, ali se admitia, sem dificuldade, a quem pedisse. As duas médiuns eram as Srtas. Baudin, que escreviam sobre uma ardósia com a ajuda de uma cesta, dita pião, descrita em O Livro dos Médiuns. Esse modo, que exige o concurso de duas pessoas, excluía toda possibilidade de participação das idéias do médium. Ali, vi comunicações seguidas, e respostas dadas às perguntas propostas, algumas vezes mesmo a perguntas mentais que acusavam, de maneira evidente, a intervenção de uma inteligência estranha.

Os assuntos tratados eram geralmente frívolos; ocupava-se ali sobretudo de todas as coisas ligadas à vida material, ao futuro, em uma palavra, a nada de verdadeiramente sério; a curiosidade e o divertimento eram os principais móveis dos assistentes. O Espírito que se manifestava habitualmente, tomava o nome de Zéfiro, nome perfeitamente em relação com o seu caráter e o da reunião; todavia, era muito bom, e se declarara o protetor da família; freqüentemente, se ele tinha a palavra para rir, sabia também, em caso de necessidade, dar sábios conselhos, e manejar, sendo o caso, o epigrama mordaz e espirituoso. Logo travamos conhecimento, e ele me deu, constantemente, provas de uma grande simpatia. Não era um Espírito muito avançado, mas, mais tarde, assistido pelos Espíritos superiores, me ajudou nos meus primeiros trabalhos. Disse depois que deveria se reencarnar, e dele não ouvi mais falar.

Foi lá que fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda pela revelação do que pela observação. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método da experimentação; jamais ocasionei teorias preconcebidas: observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos. Compreendi, desde logo, a seriedade da exploração que iria empreender; entrevi, nesses fenômenos, a chave do problema, tão obscuro e tão controverso, do passado e do futuro da Humanidade, a solução do que havia procurado em toda a minha vida; era, em uma palavra, toda uma revelação nas idéias e nas crenças; seria preciso, pois, agir com circunspeção, e não levianamente; ser positivo e não idealista, para não se deixar iludir.

Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os Espíritos, não sendo outros senão as almas dos homens, não tinham a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber estava limitado ao grau de seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Essa verdade, reconhecida desde o princípio, me preservou do

grande escolho de crer em sua infalibilidade, e me impediu de formular teorias prematuras sobre o dizer de um só ou de alguns.

Só o fato da comunicação com os Espíritos, seja o que for que se possa dizer, provava a existência do mundo invisível ambiente; era já um ponto capital, um campo imenso aberto à nossa exploração, a chave de uma multidão de fenômenos inexplicados; o segundo ponto, não menos importante, era o de conhecer o estado desse mundo, seus costumes, podendo-se assim se exprimir; vi logo que, cada Espírito, em razão de sua posição pessoal e de seus conhecimentos, dele me desvendava uma fase, absolutamente como se chega a conhecer o estado de um país interrogando os habitantes de todas as classes e de todas as condições, cada um podendo nos ensinar alguma coisa, e nenhum, individualmente, não podendo nos ensinar tudo; cabe ao observador formar o conjunto com a ajuda de documentos recolhidos de diferentes lados, colecionados, coordenados e controlados uns pelos outros. Agi, pois, com os Espíritos, como o teria feito com os homens; foram para mim, desde o menor ao maior, meios de me informar, e não reveladores predestinados.

Tais foram as disposições com as quais empreendi, e sempre persegui os meus estudos espíritas; observar, comparar e julgar, tal foi a regra constante que segui.

Até as sessões na casa do Sr. Baudin, não tivera nenhum objetivo determinado; comecei ali a procurar resolver os problemas que me interessavam do ponto de vista da filosofia, da psicologia e da natureza do mundo invisível; chegava a cada sessão com uma série de perguntas preparadas, e metodicamente arrumadas; elas eram sempre respondidas com precisão, profundidade, e de maneira lógica. Desde esse momento as reuniões tiveram um outro caráter; entre os assistentes se encontravam pessoas sérias que por elas tomaram um vivo interesse, e se me ocorria de ali faltar, estava-se como inativo; as perguntas fúteis perderam seu atrativo para a maioria. De início, não tivera em vista senão a minha própria instrução; mais tarde, quando vi que isso formava um conjunto e tomava as proporções de uma doutrina, tive o pensamento de publicá-las para a instrução de todo o mundo. Foram as mesmas perguntas que, sucessivamente desenvolvidas e completadas, fizeram a base de O Livro dos Espíritos.

No ano seguinte, em 1856, segui ao mesmo tempo as reuniões espíritas que se tinham na rua Tiquetone, na casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, sonâmbula. Essas reuniões eram sérias e mantidas com ordem. As comunicações ocorriam por intermédio da Srta. Japhet, médium, com a ajuda de uma cesta de bico.

Meu trabalho estava em grande parte terminado, e tomava as proporções de um livro, mas pretendia fazê-lo controlado por outros Espíritos, com a ajuda de diferentes médiuns. Tive o pensamento de fazê-lo um motivo de estudos para as reuniões do Sr. Roustan; ao cabo de algumas sessões, os Espíritos disseram que preferiam revê-lo na intimidade, e me assinalaram, para esse efeito, certos dias para trabalhar, em particular, com a Srta. Japhet, a fim de fazê-lo com mais calma e também para evitar as indiscrições e os comentários prematuros do público.

Não me contentava com essa verificação; os Espíritos dela me fizeram a recomendação. As circunstâncias, tendo me colocado em relação com outros médiuns, cada vez que a ocasião se apresentava, disso aproveitava para propor algumas das questões que me pareciam as mais espinhosas. Foi assim que mais de dez médiuns prestaram a sua assistência para esse trabalho. Foi da comparação e da fusão de todas essas respostas coordenadas, classificadas, e muitas vezes refundidas no silêncio da meditação, que formei a primeira edição de O Livro dos Espíritos, que apareceu a 18 de abril de 1857.

Até o fim desse mesmo ano, as duas senhoritas Baudin se casaram; as reuniões não mais ocorreram, e a família se dispersou. Mas, então, as minhas relações começaram a se estender, e os Espíritos multiplicaram, para mim, os meios de instrução para os meus trabalhos ulteriores.

Meu Espírito protetor

11 DE DEZEMBRO DE 1855

(Em casa do sr. Baudin, méd. srta. Baudin.)

Pergunta ao Espírito Z. – No mundo dos Espíritos, há um deles que seja para mim um bom gênio? – Resposta. Sim; – Perg. É o Espírito de um parente ou de um amigo? Resp. Nem um nem outro. – Perg. Quem foi sobre a Terra? – Um homem justo e sábio. – Perg. Que devo fazer para granjear a sua benevolência? – Resp. O mais de bem possível. – Perg. Por quais sinais poderei reconhecer a sua intervenção? – Resp. Pela satisfação que sentirás. – Perg. Há um meio de evocá-lo, e qual? – Resp. Ter uma fé viva e pedir com empenho. – Perg. Depois de minha morte o reconhecerei no mundo dos Espíritos? – Resp. Isso não é duvidoso; será ele que virá te felicitar, se cumprires bem a tua tarefa.

Nota. – Vê-se, por essas perguntas, que eu estava ainda bem novato sobre as coisas do mundo espiritual.

Perg. – O Espírito de minha mãe vem algumas vezes me visitar? – Resp. Sim, e ela te protege tanto quanto isso seja possível. – Perg. Frequentemente eu a vejo em sonho; é isso uma lembrança e um efeito de minha imaginação? Resp. – Não; é bem ela que te aparece, tu deves compreendê-lo pela emoção que sentes.

Nota. – Isto é perfeitamente exato; quando minha mãe me aparecia em sonho, eu sentia uma emoção indescritível, o que o médium não poderia saber.

Perg. Quando, há algum tempo, evocamos S, e lhe perguntamos se poderia ser o gênio protetor de um de nós, ele respondeu: "Que um de vós se mostre digno e eu estarei com ele: Z. vos dirá;" crês-me capaz desse favor? – Resp. Se tu o queres. – Perg. Que é preciso fazer para isso? Resp. Fazer todo o bem que encontrares por fazer e suportar as penas da vida com coragem.

Perg. – Estou apto, pela natureza de minha inteligência, para penetrar, tanto quanto é permitido ao homem fazê-lo, as grandes verdades de nossa destinação futura? – Resp. Sim, tens a aptidão necessária, mas o resultado dependerá da perseverança no trabalho. – Perg. Posso concorrer para a propagação dessas verdades? – Resp. Sem dúvida. – Perg. Por quais meios? – Resp. Sabê-lo-ás mais tarde; à espera, trabalha.

Meu guia espiritual

25 DE MARÇO DE 1856

(Em casa do sr. Baudin, méd. srta. Baudin.)

Eu morava, nessa época, na rua dos Mátyrs, nº 8, no segundo andar, no fundo do corredor. Uma noite, estando em meu gabinete de trabalho, pequenos golpes reiterados se fizeram ouvir contra a divisória que me separava do quarto vizinho. De início, não lhe prestei nenhuma atenção; mas, como esses golpes persistiam com mais força, mudando de lugar, fiz uma exploração minuciosa

dos dois lados da divisória, escutei se provinham de um outro andar, e não descobri nada. O que havia de particular é que, cada vez que eu fazia procuras, o ruído cessava, e recomeçava logo que me repunha a trabalhar. Minha mulher entrou pelas dez horas; veio em meu gabinete e, ouvindo esses golpes, me perguntou o que era isso. Deles nada sei, respondi, faz uma hora que isso dura. Procuramos juntos, sem mais sucesso, e o ruído continuou até à meia-noite, hora na qual ia me deitar.

No dia seguinte, sendo um dia de sessão na casa do Sr. Baudin, contei o fato, e pedi a sua explicação.

Perg. – Sem dúvida, ouvistes o fato que acabo de citar; poderíeis dizer-me a causa dessas pancadas que se fizeram ouvir com tanta persistência? – Resp. Era teu Espírito familiar. – Perg. Com que objetivo vinha bater assim? – Quería se comunicar contigo. – Perg. Poderíeis dizer-me o que é que ele queria de mim? – Resp. Podes perguntar a ele mesmo, porque está aqui.

Nota. Nessa época não se fazia distinção entre as diversas categorias de Espíritos simpáticos; eram confundidos sob a denominação geral de Espíritos familiares.

Perg. – Meu Espírito familiar, quem quer que sejais, vos agradeço por ter vindo me visitar; quereríeis me dizer quem sois? – Resp. Para ti, me chamarei A Verdade, e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição.

Perg. – Ontem, quando batestes, enquanto eu trabalhava, tínheis alguma coisa em particular para me dizer? – Resp. O que tinha a dizer-te era sobre o trabalho que fazias, o que escrevias me desagradava, e queria te fazer cessar.

Nota. O que escrevia era precisamente relativo aos estudos que fazia sobre os Espíritos, e suas manifestações.

Perg. – A vossa desaprovação era sobre o capítulo que escrevia, ou sobre o conjunto do trabalho? – Resp. Sobre o capítulo de ontem; eu te fiz julgá-lo; torna a lê-lo esta noite, encontrarás as faltas e as corrigirás. – Perg. Eu mesmo não estava muito satisfeito com esse capítulo e o refiz hoje; está melhor? – Resp. Está melhor, mas não bastante bem. Lê da 3a. à 30a. linha e reconhecerás um grave erro. – Perg. Rasguei o que fiz ontem. – Resp. Não importa! Essa dilaceração não impede a falta de subsistir; relê e verás.

Perg. – O nome de Verdade, que tomastes, é uma alusão à verdade que procuro? – Resp. Talvez; ou, pelo menos, é um guia que te protegerá e te ajudará. – Perg. Depois posso vos evocar em minha casa? – Resp. Sim, para te assistir pelo pensamento; mas, para respostas escritas em tua casa, não será senão em muito tempo que poderás obtê-las.

Nota. Com efeito, durante mais ou menos um ano, não pude obter, em minha casa, nenhuma comunicação escrita, e cada vez que ali se encontrava um médium do qual esperava obter alguma coisa, uma circunstância imprevista vinha a isso se opor. Eu não obtinha comunicações senão fora de minha casa.

Perg. Poderíeis vir com mais freqüência do que todos os meses? – Resp. Sim, mas não prometo senão uma vez por mês, até nova ordem. – Perg. Animastes algum personagem conhecido sobre a Terra? – Resp. Eu te disse que, para ti, era a Verdade; esse para ti queria dizer discrição: disso não saberás mais.

Nota. À noite, reentrando em minha casa, apressei-me em ler o que escrevera, e, seja na cópia lançada ao cesto, seja na nova, na 30a. linha, reconheci um erro grave que me admirava de

haver cometido. Desde esse momento, nenhuma manifestação do mesmo gênero ocorreu; as relações com o meu Espírito protetor se achavam estabelecidas, essas manifestações não eram mais necessárias, por isso elas cessaram. O prazo de um mês que ele assinalara, para as suas comunicações, não foi senão raramente observado no princípio; mais tarde, não o foi de todo, era, sem dúvida, uma advertência de ter que trabalhar por mim mesmo, e de não estar, sem cessar, recorrendo a ele para a menor dificuldade.

9 DE ABRIL DE 1856

(Na casa do sr. Baudin, méd. srta. Baudin.)

Pergunta. – (À Verdade.) Criticastes o trabalho que fiz outro dia, e tivestes razão. Eu o reli, e reconheci, na 30a. linha, um erro contra o qual as vossas pancadas eram um protesto. Isso me conduziu a reconhecer outros erros e a refazer o trabalho. Estais mais satisfeito agora?

Resp. – Acho-o melhor, mas te convido a esperar um mês antes de publicá-lo. – Perg. Certamente, não tenho a intenção de publicá-lo ainda, se nunca devo fazê-lo. – Resp. Entendo mostrá-lo a estranhos. Encontra um pretexto para recusá-lo àqueles que o pedirão; daqui até lá, melhorarás esse trabalho. Faço-te esta recomendação para evitar a crítica; é do teu amor-próprio que eu cuido.

Perg. – Dissestes que seríeis para mim um guia, que me ajudaria e me protegeria; concebo essa proteção e o seu objetivo numa certa ordem de coisas, mas gostaríeis de me dizer se essa proteção se estende também às coisas materiais da vida? – Resp. Neste mundo, a vida material importa muito; não te ajudar a viver, seria não te amar.

Nota. A proteção desse Espírito, do qual estava longe de supor a superioridade, com efeito, jamais me faltou. Sua solicitude, e a dos bons Espíritos sob as suas ordens, se estende sobre todas as circunstâncias de minha vida, seja para me aplainar as dificuldades materiais, seja para me facilitar o cumprimento de meus trabalhos, seja, enfim, para me preservar dos efeitos da malevolência de meus antagonistas, sempre reduzidos à impossibilidade. Se as atribulações inerentes à missão que tinha que cumprir não puderam me ser poupadas, têm sempre sido abrandadas e largamente compensadas pelas bem doces satisfações morais.

Primeira revelação de minha missão

30 E ABRIL DE 1856

(Na casa do sr. Roustan, méd. srta. Japhet.)

PRIMEIRA REVELAÇÃO DE MINHA MISSÃO.

Eu seguia, há algum tempo, as sessões que tinham lugar na casa do Sr. Roustan, e ali começara a verificação de meu trabalho que deveria, mais tarde, formar O Livro dos Espíritos. Numa sessão íntima, à qual não assistiam senão sete ou oito pessoas, conversava-se sobre diferentes coisas, relativas aos acontecimentos que poderiam provocar uma transformação social, quando o médium, agarrando a cesta, escreveu espontaneamente o que se segue:

"Quando o grande sino soar, vós o deixareis; somente aliviareis o vosso semelhante; individualmente, o magnetizareis, a fim de curá-lo. Depois, cada um preparado no seu posto, porque será necessário de tudo, uma vez que tudo será destruído, sobretudo por um instante. Não haverá mais religião, e dela será necessária uma, mais verdadeira, grande, bela e digna do

Criador... Os seus primeiros fundamentos já estão colocados... Tu, Rivail, a tua missão aí está. (Livre, o cesta retornou para o meu lado, como o faria uma pessoa que quisesse me designar com o dedo.) A ti, Sr... a espada que não fere, mas que mata; contra tudo o que é, serás tu que virás primeiro. Ele, Rivail, virá em segundo: é o obreiro que reconstrói o que foi demolido."

Nota. Esta foi a primeira revelação positiva sobre a minha missão, e confesso que, quando vi a cesta se dirigir bruscamente para mim, e me designar nominalmente, não pude me defender de uma certa emoção.

O Sr. M..., que assistia a essa reunião, era um jovem homem de opiniões as mais radicais, comprometido nos assuntos políticos, e que era obrigado a não se colocar muito em evidência. Crendo num transtorno próximo, se preparava para nele tomar parte, e combinava os seus planos de reforma; era, de resto, um homem agradável e inofensivo.

Minha missão

7 DE MAIO DE 1856

(Na casa do sr. Roustan, méd. srta. Japhet.)

Perg. (A Hahnemann) – Outro dia, os Espíritos me disseram que eu tinha uma missão importante a cumprir, e me indicaram o seu objeto; desejaria saber se a confirmais.

Resp. Sim, e se interrogares as tuas aspirações, as tuas tendências, e o objeto quase constante de tuas meditações, isso não deverá te surpreender. Deves cumprir o que sonhaste há muito tempo; é necessário que nisso trabalhes ativamente para estar pronto, porque o dia está mais próximo do que pensais.

Perg. – Para cumprir essa missão, tal como a concebo, são necessários meios de execução que estão ainda longe de mim.

Resp. – Deixa a Providência fazer a sua obra e estarás satisfeito.

Acontecimentos

12 DE MAIO DE 1856

(Sessão pessoal na casa do Baudin.)

Pergunta – (À Verdade). – Que pensais do Sr. M.? É um homem que terá influência nos acontecimentos?

Resposta. – De muito ruído. Ele tem boas idéias; é um homem de ação, mas não é uma inteligência.

Perg. – É preciso tomar ao pé da letra o que foi dito, que lhe cabia o papel de destruir o que existe?

Resp. – Não, quis personificar nele o partido do qual representa as idéias.

Perg. – Posso manter relações de intimidade com ele?

Resp. – Não para o momento; correrias perigos inúteis.

Perg. – O Sr. M..., que tem um médium, disse que se lhe precisou a data da marcha dos acontecimentos, por assim dizer, com dia fixo; isso é verdade?

Resp. – Sim, foram-lhe fixadas épocas, mas foram os Espíritos levianos, que não sabem mais do que ele, e que exploram a sua exaltação. Sabes que não devemos nunca precisar as coisas futuras. Os acontecimentos pressentidos, certamente, ocorrerão num tempo próximo, mas que não pode ser precisado.

Perg. – Os Espíritos disseram que os tempos estão chegados, em que essas coisas devem se cumprir; que sentido é preciso ligar a essas palavras?

Resp. – Para coisas dessa gravidade, o que são alguns anos a mais ou a menos? Elas nunca chegam bruscamente e como um raio, mas estão, de há muito, preparadas por acontecimentos parciais, que lhe são como os precursores e como os ruídos surdos que precedem a erupção de um vulcão. Pode-se, pois, vos dizer que os tempos estão chegados, sem que isso signifique que as coisas chegam amanhã. Isso quer dizer que estais no período em que ocorrerão.

Perg. Confirmais o que foi dito, de que não haverá cataclismos?

Resp. – Certamente, não tendes a temer nem dilúvio, nem abrasamento de vosso planeta, nem outras coisas desse gênero, porque não se pode dar o nome de cataclismo a perturbações locais que não se produziram em todas as épocas. Não haverá senão um cataclismo moral, de que os homens serão os instrumentos.

O Livro dos Espíritos

10 DE JUNHO DE 1856

(Na casa do sr. Roustan. Méd. srta. Japhet.)

Pergunta. (A Hahnemann) – Pensei que, uma vez que logo acabaremos a primeira parte do livro, para ir mais depressa, poderia pedir ao Sr. B... para me ajudar como médium; que pensais disso?

Resposta. – Penso que seria melhor não se servir dele. – Por quê? – Porque a verdade não pode ser interpretada pela mentira.

Perg. – Se o Espírito familiar de B... é a mentira, isso não impediria, a um bom Espírito, se comunicar pelo médium, do momento que não se evocasse o outro Espírito.

Resp. – Sim, mas aqui o médium ajuda o Espírito, e, quando o Espírito é falso, a isso se presta. Aristo, seu intérprete, e B... acabarão mal.

Nota. B... era um jovem, médium escrevente muito fácil, mas assistido por um Espírito orgulhoso, déspota e arrogante, que tomava o nome de Aristo; bajulava nele uma tendência natural ao amor-próprio. As previsões de Hahnemann se realizaram. Esse jovem, tendo acreditado encontrar, em sua faculdade, uma fonte de fortuna, seja pelas consultas médicas, seja pelas invenções e descobertas rendosas, disso não recolheu senão decepções e mistificações. Algum tempo depois, dele não se ouvia mais falar.

Minha Missão

12 DE JUNHO DE 1856

(Na casa do sr. C... Méd. srta. Aline C...)

Pergunta – (À Verdade) – Bom Espírito, desejaria saber o que pensais da missão que me foi assinada por alguns Espíritos; quereis dizer-me, eu vos peço, se é uma prova para o meu amor-próprio. Sem dúvida, vós o sabeis, tenho o maior desejo de contribuir para a propagação da verdade, mas, do papel de simples trabalhador ao de missionário como chefe, a distância é grande, e eu não compreenderia o que poderia justificar, em mim, um tal favor, de preferência a tantos outros que possuem talentos e qualidades que não tenho.

Resposta. – Confirmo o que te foi dito, mas convido-te a muita discricção, se quiseses vencer. Saberás, mais tarde, coisas que te explicarão o que te surpreende hoje. Não olvideis que podeis vencer, como podeis falir; neste último caso, um outro te substituiria, porque os desígnios do Senhor não repousam sobre a cabeça de um homem. Não fales, pois, jamais da tua missão: esse seria o meio de fazê-la fracassar. Ela não pode ser justificada senão pela obra realizada, e ainda nada fizeste. Se a cumprires, os homens te reconhecerão, cedo ou tarde, eles mesmos, porque é pelos frutos que se reconhece a qualidade da árvore.

Pergunta. – Certamente, não tenho nenhuma vontade de me gabar de uma missão na qual creio apenas eu mesmo. Se estou destinado a servir de instrumento para os objetivos da Providência, que ela disponha de mim; mas, nesse caso, reclamo a vossa assistência e a dos bons Espíritos para me ajudarem e me sustentarem na tarefa.

Resp. – A nossa assistência não te faltará, mas será inútil se, de tua parte, não fizeres o que é necessário. Tens o teu livre arbítrio; cabe a ti usá-lo como entendes; nenhum homem está constringido a fazer fatalmente uma coisa.

Perg. – Quais são as causas que poderiam me fazer fracassar? Seria a insuficiência de minhas capacidades?

Resp. – Não; mas a missão dos reformadores está cheia de escolhos e de perigos; a tua é rude, disso te previno, porque é o mundo inteiro que se trata de agitar e de transformar. Não creias que te baste publicar um livro, dois livros, dez livros, e permaneceres tranqüilamente em tua casa; não, ser-te-á preciso expor-te ao perigo; levantarás contra ti ódios terríveis; inimigos obstinados conjurarão a tua perda; estarás em luta contra a malevolência, a calúnia, a traição mesmo daqueles que te parecerão os mais devotados; tuas melhores instruções serão desconhecidas e desnaturadas; mais de uma vez, sucumbirás sob o peso da fadiga; em uma palavra, será uma luta quase constante que terás que sustentar, e o sacrifício de teu repouso, de tua tranqüilidade, de tua saúde, e mesmo de tua vida, porque sem isso viverias por muito mais tempo. Pois bem! mais de um recua quando, em lugar de um caminho florido, não encontra sob os seus passos senão espinheiros, pedras agudas e serpentes. Para tal missão, a inteligência não basta. É necessário primeiro, para agradar a Deus, a humildade, a modéstia, o desinteresse, porque ele abate os orgulhosos, os presunçosos e os ambiciosos. Para lutar contra os homens é necessário coragem, perseverança, e uma firmeza inabalável; é preciso também da prudência e do tato, para conduzir as coisas a propósito, e não comprometer-lhe o sucesso por medidas, ou por palavras, intempestivas; é preciso, enfim, do devotamento, da abnegação, e estar pronto para todos os sacrifícios.

Vês que a tua missão está subordinada a coisas que dependem de ti.
ESPÍRITO VERDADE.

Eu. – Espírito Verdade, eu vos agradeço pelos vossos sábios conselhos. Aceito tudo sem restrição e sem dissimulação.

Senhor! Se vos dignastes lançar os olhos sobre mim para o cumprimento de vossos desígnios, que seja feita a vossa vontade! A minha vida está em vossas mãos, dispõe do vosso servidor. Em presença de uma tão grande tarefa, reconheço a minha fraqueza; minha boa vontade não faltará, mas, talvez, as minhas forças me trairão. Supri a minha insuficiência; dai-me as forças físicas e morais que me forem necessárias. Sustentai-me nos momentos difíceis, e com a vossa ajuda, e a de vossos celestes mensageiros, esforçar-me-ei para corresponder aos vossos objetivos.

Nota. Escrevi esta nota em 1º de janeiro de 1867, dez anos e meio depois que esta comunicação me foi dada, e constato que ela se realizou em todos os pontos, porque sofri todas as vicissitudes que me foram anunciadas. Fui alvo do ódio de inimigos obstinados, da injúria, da calúnia, da inveja e do ciúme; libelos infames foram publicados contra mim; as minhas melhores instruções foram desnaturadas; fui traído por aqueles em quem coloquei a minha confiança, pago com a ingratidão por aqueles a quem prestei serviço. A Sociedade de Paris foi um foco contínuo de intrigas urdidas por aqueles mesmos que se diziam por mim, e que, fazendo cara boa diante de mim, me dilaceravam por detrás. Disseram que aqueles que tomavam o meu partido eram assalariados por mim com o dinheiro que eu recolhia do Espiritismo. Não mais conheci o repouso; mais de uma vez sucumbi sob o excesso de trabalho, a minha saúde foi alterada e a minha vida comprometida.

No entanto, graças à proteção e à assistência dos bons Espíritos que me deram, sem cessar, provas manifestas de sua solicitude, estou feliz em reconhecer que não senti, um só instante, o desfalecimento nem o desencorajamento, e que constantemente persegui a minha tarefa com o mesmo ardor, sem me preocupar com a malevolência de que era objeto. Segundo a comunicação do Espírito Verdade, deveria esperar tudo isso, e tudo se verificou.

Mas também, ao lado dessas vicissitudes, que satisfação senti vendo a obra crescer de modo tão prodigioso! Com quantas doces consolações as minhas tribulações foram pagas! Quantas bênçãos, quantos testemunhos de real simpatia, não recebi da parte dos numerosos aflitos que a Doutrina consolou! Esse resultado não me fora anunciado pelo Espírito Verdade que, sem dúvida, desejou não me mostrar senão as dificuldades do caminho. Quanto não seria, pois, a minha ingratidão se eu me queixasse! Se dissesse que há uma compensação entre o bem e o mal, não estaria com a verdade, porquanto o bem, entendendo as satisfações morais, superaram muito sobre o mal. Quando me chegava uma decepção, uma contrariedade qualquer, elevava-me, pelo pensamento, acima da Humanidade; colocava-me, por antecipação, na região dos Espíritos e, desse ponto culminante, de onde descobria o meu ponto de atraso, as misérias da vida deslizavam sobre mim sem me atingir. Fizera-me disso um tal hábito que os gritos dos maus jamais me perturbaram.

O Livro dos Espíritos

17 DE JUNHO DE 1856.

(Em casa do Dr. Baudin. Médium srta. Baudin.)

Pergunta. (À Verdade). – Uma parte da obra foi revista, sériéis bastante bom para me dizer o que pensais disso?

Resposta. – O que foi revisto está bem; mas, quando tudo acabar, será preciso revê-la ainda, a fim de estendê-la sobre certos pontos, e abreviá-la em outros.

Pergunta. – Pensais que deva ser publicada antes que os acontecimentos anunciados se tenham cumprido?

Resposta. Uma parte, sim; mas tudo, não; porque te asseguro que teremos capítulos muito espinhosos. Por importante que seja este primeiro trabalho, não é, de alguma sorte, senão uma introdução; tomará proporções que estás longe de supor hoje, e tu mesmo compreenderás que certas partes não poderão ser publicadas senão muito mais tarde, e gradualmente, à medida que as idéias novas se desenvolverem e tomarem raízes. Dar tudo de uma vez seria uma imprudência, é necessário deixar, à opinião, o tempo de se formar. Encontrarás impacientes que te empurrarão para a frente: não os escuteis; vê, observa, sonda o terreno, sabe esperar, e faz como o general prudente que não ataca senão quando o momento favorável chegou.

Nota. (escrita em janeiro de 1867). – Na época em que foi dada essa comunicação, eu não tinha em vista senão O Livro dos Espíritos, e estava longe, como disse o Espírito, de suspeitar das proporções que o conjunto do trabalho tomaria. Os acontecimentos anunciados não deveriam se cumprir antes de vários anos, uma vez que não o foram ainda neste momento. As obras aparecidas até este dia, não foram publicadas senão sucessivamente, e me encontrei levado a fazê-las, à medida que as idéias novas se desenvolviam. Daqueles que restam a fazer, o mais importante, aquele que pode ser considerado como o coroamento do edifício, e contém, com efeito, os capítulos mais espinhosos, não poderia ser publicado sem prejuízo antes do período dos desastres. Eu não via então senão um livro, e não compreendia que pudesse ser fracionado, ao passo que o Espírito fazia alusão àqueles que deveriam seguir, e que haveria inconveniente em publicar prematuramente.

"Saibe esperar, disse o Espírito; não escutes os impacientes que te empurrarão para frente." Os impacientes não faltaram, e se os houvesse escutado, conduziria, em cheio, o navio sobre os escolhos. Coisa bizarra! Ao passo que uns me gritavam para ir mais depressa, outros me acusavam de não ir mais devagar. Não escutei nem uns e nem os outros, constantemente tomo por bússola a marcha das idéias.

De que confiança no futuro não devia estar animado, à medida que via se realizarem as coisas previstas, e que reconhecia a profundidade da sabedoria das instruções de meus protetores invisíveis.

O Livro dos Espíritos

11 DE SETEMBRO DE 1856

(Em casa do sr. Baudin. Méd. srta. Baudin.)

Depois de ler alguns capítulos de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, concernentes às leis morais, o médium escreveu espontaneamente:

"Compreendestes bem o objetivo de teu trabalho; o plano está bem concebido; estamos contentes contigo. Continue; mas, sobretudo, quando a obra estiver terminada, lembra-te de que nós te recomendaremos fazê-la imprimir e propagá-la: é de uma utilidade geral. Estamos satisfeitos, e não te deixaremos jamais. Crê em Deus e caminha."

VÁRIOS ESPÍRITOS.

A tiara espiritual

6 DE MAIO DE 1857

(Em casa da senhora de Cardone.)

Tive ocasião de ver, nas sessões do Sr. Roustan, a Senhora de Cardone. Alguém me disse, creio que foi o Sr. Carlotti, que ela possuía um talento notável para ler na mão. Jamais acreditei no significado das linhas da mão, mas sempre pensei que isso poderia ser, para certas pessoas dotadas de uma espécie de segunda vista, um meio de estabelecer uma relação que lhe permitisse, como aos sonâmbulos, às vezes, dizer coisas verdadeiras. Os sinais da mão não são senão um pretexto, um meio de fixar a atenção, desenvolver a lucidez, como o são as cartas, a marca de café, os espelhos ditos mágicos, para os indivíduos que gozam dessa faculdade. A experiência, mais de uma vez, me confirmou a verdade dessa opinião. Seja como for, essa senhora, tendo me convidado para ir vê-la, cedi ao seu convite, e eis um resumo do que ela me disse:

"Sois nascido com uma grande abundância de recursos e de meios intelectuais... força extraordinária de julgamento... Vosso gosto está formado; governado pela cabeça, moderais a inspiração pelo julgamento; sujeitais o instinto, a paixão, a intuição ao método, à teoria. Tivestes sempre o gosto das ciências morais... Amor ao verdadeiro absoluto... Amor da arte definida.

"Vosso estilo tem do número, da medida, da cadência; mas, às vezes, trocáis um pouco da vossa precisão pela da poesia.

"Como filósofo idealista, vos sujeitastes às opiniões alheias; como filósofo crente, sentis agora a necessidade de fazer seita.

"Benevolência judiciosa; necessidade imperiosa de aliviar, de socorrer, de consolar; necessidade de independência.

"Corrigi-vos muito lentamente da prontidão de vosso temperamento.

"Sois singularmente apropriado para a missão que vos está confiada, porque estais mais feito para vos tornar o centro de desenvolvimentos imensos, do que capaz de trabalhos isolados... os vossos olhos têm o olhar do pensamento.

"Vejo aqui o sinal da tiara espiritual... está muito pronunciado, olhai..." (Olhei e nada vi de particular.)

Que entendeis, disse eu, por tiara espiritual? Quereis dizer que serei papa? Se isso devesse ser, certamente não seria nesta existência.

Resposta. – "Notai que disse tiara espiritual, o que quer dizer autoridade moral e religiosa, e não poder supremo efetivo".

Relatei pura e simplesmente as palavras dessa senhora, que ela mesma me transcreveu; não me cabe julgar se são, em todos os pontos, exatas; deles reconheço alguns por verdadeiros, porque estão em relação com o meu caráter e as disposições do meu espírito; mas há uma passagem evidentemente errada, aquela onde disse, a propósito do estilo, que eu trocaria, às vezes, um pouco da minha precisão pela poesia. Não tenho nenhum instinto poético; o que procuro, acima de tudo, o que me agrada, o que estimo, nos outros, é a clareza, a limpidez, a precisão, e longe de sacrificar esta à poesia, poder-se-ia antes me censurar por sacrificar o sentimento poético à

secura da forma positiva. Tenho preferido o que fala à inteligência, ao que não fala senão à imaginação.

Quanto à tiara espiritual, O Livro dos Espíritos acabava de aparecer: a Doutrina estava em seu início, e não se poderia, ainda, julgar os seus resultados ulteriores; não ligava senão pouca importância a essa revelação, e limitei-me a tomar-lhe nota a título de informação.

Essa senhora deixou Paris no ano seguinte, e não a revi senão oito anos mais tarde, em 1866; as coisas tinham caminhado muito nesse intervalo. Ela me disse: Lembrai-vos de minha predição da tiara espiritual? Ei-la realizada. – Como realizada? Não estou, que o saiba, sobre o trono de São Pedro. – Não, também não foi isso o que vos anunciei. Mas, não sois, de fato, o chefe da Doutrina, reconhecido pelos espíritas do mundo inteiro? Não são os vossos escritos que fazem lei? Vossos adeptos não se contam aos milhões? Há um homem cujo nome tenha mais autoridade do que o vosso pelo que respeita ao Espiritismo? Os títulos de sumo-sacerdote, de pontífice, de papa mesmo não vos são espontaneamente dados? Sobretudo pelos vossos adversários e por ironia, eu o sei, mas não deixam de ser o indício do gênero de influência que vos reconhecem: pressentem o vosso papel e esses títulos vos ficarão.

Em suma, conquistastes, sem procurá-la, uma posição moral que ninguém pode vos retirar, porque, quaisquer trabalhos que se possam fazer depois de vós, ou concorrentemente convosco, não sereis menos o fundador reconhecido da Doutrina. Desde esse momento, possuis, pois, em realidade, a tiara espiritual, quer dizer, a supremacia moral. Vede, pois, que eu disse a verdade.

Crede agora um pouco mais nos sinais da mão? – Menos do que nunca, e estou convencido de que, se vistes alguma coisa, não foi na mão, mas em vosso próprio espírito, e vou prová-lo.

Admito na mão, como no pé, nos braços e nas outras partes do corpo, certos sinais fisiognomônicos; mas cada órgão apresenta sinais especiais segundo o uso que lhe está destinado e sobre as suas relações com o pensamento; os sinais da mão não podem ser os mesmos que os dos pés, dos braços, da boca, dos olhos, etc.

Quanto às dobras interiores da mão, sua maior ou menor acentuação prende-se à natureza da pele e a mais ou menos abundância do tecido celular, e como essas partes não têm nenhuma correlação fisiológica com os órgãos das faculdades intelectuais e morais, não lhes podem ser a expressão. Admitindo mesmo essa correlação, poderiam fornecer indícios sobre o estado presente do indivíduo, mas não poderiam ser sinais de presságios de coisas futuras, nem de acontecimentos passados, independentes de sua vontade. Na primeira hipótese, compreendia rigorosamente que, com a ajuda desses traços, podia-se dizer que uma pessoa possui tal ou tal aptidão, tal ou tal tendência, mas o mais vulgar bom senso repele a idéia de que se possa ali ver se ela é casada ou não, quantas vezes, e quantos filhos teve, se é viúva ou não, e outras coisas semelhantes, como o pretende a maioria dos quiromantes.

Entre as pregas da mão, há uma bem conhecida de todo o mundo, e que parece, bastante bem, um M; se está fortemente marcado, é, diz-se, o presságio de uma vida infeliz; mas a palavra malheur é francesa, e se esquece que o termo equivalente não começa, em todas as línguas, pela mesma letra: de onde se segue que essa prega deveria tomar uma forma diferente segundo a língua dos povos.

Quanto à tiara espiritual, evidentemente é uma coisa especial, excepcional, e de alguma sorte individual, e estou convencido de que não encontrastes essa palavra num tratado de quiromancia. Como vos veio, pois, ao pensamento? Por intuição, por inspiração, ou por essa espécie de presciência inerente à dupla vista que muitas pessoas possuem sem disso desconfiar. A vossa intuição estava concentrada sobre os lineamentos da mão, aplicastes a idéia a um sinal no qual

uma outra pessoa teria visto coisa diferente, ou ao qual teríeis atribuído um significado diferente num outro indivíduo.

Primeiro anúncio de uma nova encarnação

17 DE JANEIRO DE 1857

(Em casa do sr. Baudin, méd. srta. Baudin.)

O Espírito me prometera escrever uma carta por ocasião do novo ano; tinha, dizia, alguma coisa em particular para me dizer. Lá, lhe tendo sido pedida, em uma das reuniões ordinárias, disse que a daria na intimidade do médium, que ma transmitiria. Eis a carta.

Caro amigo, não quis te escrever, na última terça-feira, diante de todo o mundo, porque há certas coisas que não se podem dizer senão entre nós.

Queria primeiro te falar de tua obra, a que fazes imprimir (O Livro dos Espíritos estava no prelo.) Não te canses tanto noite e dia; terás mais resultado, e a obra não perderá por esperar.

Segundo o que vejo, és muito capaz de conduzir teu empreendimento a bom fim, e chamado a fazer grandes coisas; mas não exageres nada; vê e aprecia tudo sadia e friamente; mas não te deixes arrastar pelos entusiastas e os muito apressados; calcula todos os teus passos e todas as providências a fim de chegarem infalivelmente. Não creias mais do que não vês: não vires a cabeça para o que te pareça incompreensível; disso saberás mais do que um outro, porque se te colocarem os assuntos de estudo sob os olhos.

Mas, ai! a verdade não será ainda conhecida, nem acreditada, por todos, antes de muito tempo! Não verás, nesta existência, senão a aurora do sucesso de tua obra; será necessário que retornes, reencarnado num outro corpo, para completar o que tiveres começado, e, então, terás a satisfação de ver, em plena frutificação, a semente que tiveres difundido sobre a Terra.

Terás invejosos e ciumentos que procurarão te denegrir e contrariar; não te desencorajes; não te inquietes com o que se dirá ou se fará contra ti; prossegue tua obra; trabalha sempre pelo progresso da Humanidade, e serás sustentado pelos bons Espíritos, enquanto perseverares no bom caminho.

Lembra-te de que, há um ano, prometi a minha amizade àqueles que, durante o ano, fossem convenientes em toda a sua conduta? Pois bem! anuncio-te que és um daqueles que escolhi entre todos.

Teu amigo que te ama e te protege, Z

Nota. Eu disse que Z não era um Espírito superior, mas muito bom e benevolente. Talvez era mais avançado do que o nome que tomou poderia fazer supor; pode-se supô-lo a julgar pelo caráter sério e a sabedoria de suas comunicações, segundo as circunstâncias. Em favor de seu nome, poderia se permitir uma linguagem familiar, própria ao meio onde se manifestava, e dizer, o que lhe acontecia freqüentemente, duras verdades sob a forma alegórica do epigrama. Seja como for, sempre conservei dele uma boa lembrança e o reconhecimento pelos bons conselhos que me deu e a amizade que me testemunhou. Desapareceu com a dispersão da família Baudin, e dissera que logo deveria se reencarnar.

A Revista Espírita

15 DE NOVEMBRO DE 1857

(Em casa do sr. Dufaux, méd. senhora E. Dufaux.)

Pergunta. – Tenho a intenção de publicar um jornal espírita, pensais que chegarei a fazê-lo, e mo aconselhais? A pessoa à qual me dirigi, o Sr. Tiedeman, parece-me decidido a dar o seu concurso pecuniário.

Resp. – Sim, isso conseguirás com a perseverança. A idéia é boa, é preciso amadurecê-la antes.

Perg. – Temo que outros me antecedam.

Resp. – É necessário apressar-se.

Perg. – É o meu desejo, mas o tempo me falta. Tenho dois empregos que me são necessários, vós o sabeis; gostaria de poder a isso renunciar, a fim de consagrar-me inteiramente à coisa, sem preocupações estranhas.

Resp. – Não é preciso nada abandonar no momento; sempre se acha tempo para tudo; movimenta-te e conseguirás.

Perg. – Devo agir sem o concurso do Sr. Tiedeman.

Resp. – Agi com ou sem seu concurso; não te inquietes com ele, podes por isso passar.

Perg. – Tinha a intenção de fazer um primeiro número de experiência, a fim de colocar o jornal e fixar-lhe data, salvo continuar mais tarde, se for o caso; que pensais disso?

Resp. – A idéia é boa, mas um primeiro número não bastará; no entanto, é útil e mesmo necessário naquilo que abrirá o caminho ao resto. Nisso será preciso levar muito cuidado, de maneira a lançar as bases de um sucesso durável; se for defeituoso, mais valeria nada, porque a primeira impressão pode decidir seu futuro. É necessário se ligar, começando, sobretudo a satisfazer à curiosidade; deve encerrar, ao mesmo tempo, o sério e o agradável; o sério que ligará os homens de ciência, e o agradável que divertirá o vulgo; esta parte é essencial, mas a outra é a mais importante, porque sem ela o jornal não teria fundamento sólido. Em uma palavra, é preciso evitar a monotonia pela variedade, reunir a instrução sólida ao interesse, e isso será, para todos os trabalhos ulteriores, um poderoso auxiliar.

Nota. – Apressei-me em redigir o primeiro número, e fi-lo aparecer em janeiro de 1858, sem disso nada ter dito a ninguém. Não tinha um único assinante e nenhum sócio capitalista. Fi-lo, pois, inteiramente aos meus riscos e perigos, e não ocorreu de me arrepender disso, porque o sucesso excedeu a minha expectativa. A partir de 1º de janeiro, os números se sucederam sem interrupção, e, como o Espírito previra, esse jornal se me tornou um poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que estava feliz por não ter um sócio capitalista, porque estava mais livre, ao passo que um estranho teria podido querer me impor suas idéias e sua vontade, e entravar a minha caminhada; só, não tinha que dar contas a ninguém, por pesada que fosse a minha tarefa como trabalho.

Fundação da Sociedade Espírita de Paris

1º DE ABRIL DE 1858

Se bem que não haja aqui nenhum fato de previsão, menciono, para memória, a fundação da Sociedade, por causa do papel que desempenhou na marcha do Espiritismo, e das comunicações ulteriores às quais deu lugar.

Em torno de seis meses depois, tinha em minha casa, rua dos Martyrs, uma reunião de alguns adeptos, todas as terças-feiras. O principal médium era a Srta. Dufaux. Se bem que o local não pudesse conter senão 15 a 20 pessoas, às vezes nele se encontravam até 30. Essas reuniões ofereciam um grande interesse pelo seu caráter sério, e a alta importância das questões que ali eram tratadas; freqüentemente, viam-se ali príncipes estrangeiros e outras personagens de distinção.

O local, pouco cômodo pela sua disposição, evidentemente, tornou-se muito exíguo. Alguns, dos freqüentadores, propuseram se cotizar para alugar um mais conveniente. Mas, então, tornava-se necessário ter uma autorização legal, para evitar de ser atormentado pela autoridade. O Sr. Dufaux, que conhecia pessoalmente o Prefeito de polícia, se encarregou de pedi-la. A autorização dependia também do Ministro do Interior, que era então o general X... que era, sem que o soubéssemos, simpático às nossas idéias, sem conhecê-las completamente, e com a influência do qual a autorização que, seguindo uma fieira comum, teria exigido três meses, foi obtida em quinze dias.

A Sociedade foi, então, regularmente constituída e se reunia todas as terças-feiras, no local que alugara no Palais Royal, galeria de Valois. Ali permaneceu um ano, de 1º de abril de 1858 a 1º de abril de 1859. Não podendo ali permanecer por mais tempo, se reunia, todas as quartas-feiras, num dos salões do restaurante Douix, no Palais Royal, galeria Montpensier, de 1º de abril de 1859 a 1º de abril de 1860, época em que ela se instalou num local próprio, rua e passagem Sainte Anne, 59.

A Sociedade, formada, no princípio, de elementos pouco homogêneos e de pessoas de boa vontade que eram aceitas com relativa facilidade, teve que sofrer numerosas vicissitudes, que não foram um dos menos penosos embaraços de minha tarefa.

Duração de meus trabalhos

24 DE JANEIRO DE 1860.

(Em casa da sra. Forbes, méd. sra. Forbes.)

Segundo minha apreciação, estimava que me seriam necessários ainda em torno de dez anos para terminar os meus trabalhos, mas não tinha dado conhecimento dessa idéia a ninguém. Fiquei, pois, muito surpreso ao receber, de meus correspondentes de Limoges, uma comunicação obtida espontaneamente, na qual o Espírito, falando de meus trabalhos, dizia que o teria ainda por dez anos antes de terminá-lo.

Perg. – (À Verdade) – Como ocorre que um Espírito, se comunicando em Limoges, onde nunca fui, haja dito precisamente o que eu pensava sobre a duração de meus trabalhos.

Resp. – Sabemos o que te resta a fazer e, conseqüentemente, o tempo aproximado que te é necessário para acabá-lo. É, pois, muito natural que os Espíritos hajam dito em Limoges, e alhures, para dar idéia da importância da coisa e o trabalho que ela exige.

No entanto, o prazo de dez anos não é absoluto; pode ser prolongado em alguns anos por circunstâncias imprevistas e independentes de tua vontade.

Nota. (Escrita em dezembro de 1866). – Publiquei quatro volumes de fundo para falar de coisas acessórias. Os Espíritos me pressam para publicar a Gênese em 1867, antes das perturbações. Durante o período de grande perturbação, deverei trabalhar nos livros complementares da Doutrina, que não poderão aparecer senão depois da grande tormenta, e para os quais me são necessários de três a quatro anos. Isso nos leva, o mais cedo, em 1870, quer dizer, em torno de dez anos.

Acontecimentos. Papado

28 DE JANEIRO DE 1860

(Em casa do sr. Solichon, méd. srta. Solichon.)

Pergunta. – (Ao Espírito Ch.) Fostes embaixador em Roma e, naquele tempo, predissestes a queda do governo papal; que pensais hoje a esse respeito?

Resposta. – Creio que se aproxima o tempo em que a minha profecia vai se cumprir: mas isso não será sem tumultos. Tudo se complica; as paixões se esquentam e, de uma coisa que se poderia fazer sem comoção, tomam-na de tal modo que toda a cristandade será com ela abalada.

Perg. – Poderíeis nos dizer a vossa opinião sobre o poder temporal do Papa?

Resp. – Penso que o poder temporal do Papa não é necessário para a sua grandeza, nem para o seu poder moral, ao contrário, menos súditos terá, mais será venerado. Aquele que é o representante de Deus sobre a Terra está colocado bem alto para não ter necessidade do relevo do seu poder terrestre. A Terra a dirigir espiritualmente, eis a missão do pai dos cristãos.

Perg. – Pensais que o Papa e o sacro colégio, melhor esclarecidos, não façam o necessário para evitar o cisma e a guerra intestina, não fosse ela senão moral?

Resp. – Não o creio; todos esses homens são teimosos, ignorantes, habituados a todos os gozos profanos; têm necessidade do dinheiro para satisfazê-los, e têm medo de que a nova ordem de coisas não lhes deixe o bastante. Também eles levam tudo ao extremo, pouco se inquietando com o que acontecerá, sendo muito cegos para compreenderem a conseqüência de sua maneira de agir.

Perg. – Nesse conflito não há a temer que a infeliz Itália sucumba, e não seja reconduzida sob o cetro da Áustria?

Resp. – Não, é impossível; a Itália sairá vitoriosa da luta, e a liberdade raiará sobre essa terra gloriosa. A Itália nos salvou da barbárie, foi nossa mestra em tudo o que a inteligência tem de mais nobre e de mais elevado. Ela não cairá nunca sob o jugo daqueles que a rebaixaram.

Minha Missão

12 DE ABRIL DE 1860

(Em casa do sr. Dehau, méd. sr. Crozet.)

(Comunicação espontânea obtida em minha ausência)

Pela sua firmeza e sua perseverança, o vosso Presidente frustrou os planos daqueles que procuravam destruir seu crédito e arruinar a Sociedade, na esperança de assentar um golpe fatal na Doutrina. Honra a ele! que bem sabe que estamos com ele, e que os Espíritos sábios estarão felizes em poder assisti-lo em sua missão. Quantos há que gostariam de cumprir parte dessa missão, porque receberiam a parte dos benefícios que ela causa!

Mas essa missão é perigosa, e para cumpri-la é preciso uma fé e uma vontade inquebrantáveis: é preciso também da abnegação e da coragem para afrontar as injúrias, os sarcasmos, as decepções, e não se comover com a lama lançada pela inveja e pela calúnia. Nessa posição, o menos que pode acontecer, é ser tratado de louco e de charlatão. Deixai dizer, deixai pensar à vontade: tudo não tem senão um tempo, exceto a felicidade eterna. Tudo vos será contado, e sabei bem que é necessário, para ser feliz, ter contribuído para a felicidade dos pobres seres com os quais Deus povoou a vossa Terra. Que a vossa consciência fique, pois, no repouso e na serenidade: é o prenúncio da felicidade celeste.

Futuro do Espiritismo

15 DE ABRIL DE 1860

(Marselha, méd. sr. Georges Genouillat.)

(Comunicação, transmitida pelo sr. Briom Dorgeval.)

O Espiritismo está chamado a desempenhar um papel imenso sobre a Terra; será ele que reformará a legislação tão freqüentemente contrária às leis divinas; será ele que retificará os erros da história; será ele que reconduzirá a religião do Cristo que, nas mãos dos sacerdotes, se tornou um comércio e um vil tráfico; instituirá a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai direto a Deus, sem se deter nas franjas de uma batina, ou no escadote de um altar. Extinguirá para sempre o ateísmo e o materialismo, aos quais certos homens foram levados pelos abusos daqueles que se dizem os ministros de Deus, pregam a caridade com uma espada na mão, sacrificam à sua ambição, e ao espírito de dominação, os direitos mais sagrados da Humanidade.

UM ESPÍRITO.

Meu retorno

10 DE JUNHO DE 1860

(Em minha casa, médium, sra. Schmidt.)

Perg. (À Verdade). Acabo de receber uma carta de Marselha, na qual se me diz que, num seminário dessa cidade, se ocupou seriamente do estudo do Espiritismo e de O Livro dos Espíritos. O que é preciso disso augurar? É que o clero tomou a coisa com interesse?

Resp. – Não podes disso duvidar: ele toma as coisas muito a sério, porque nelas prevê as conseqüências para ele, e as suas apreensões são grandes. O clero, sobretudo a parte esclarecida do clero, estuda o Espiritismo mais do que não o crês: mas não pensa que seja por simpatia; ao contrário, nisso procura os meios para combatê-lo, e assegura-te que lhe fará uma rude guerra. Não te inquietes com isso; continue a agir com prudência e circunspecção; tenha-te em guarda contra as armadilhas que te serão estendidas; evita cuidadosamente, em tuas palavras e em teus escritos, tudo o que poderia fornecer armas contra ti.

Prossegui o caminho sem medo, e se ele está semeado de espinhos, asseguro-te que terás grandes satisfações antes de retornares "por um pouco" entre nós.

Perg. – Que entendeis por essas palavras "por um pouco"?

Resp. – Não ficarás muito tempo entre nós; é necessário que retournes para terminar a tua missão, que não pode ser rematada nesta existência. Se isso fosse possível, não te irias daí de modo algum, mas é preciso suportar a lei da Natureza. Estarás ausente durante alguns anos e, quando voltares, isso será em condições que te permitirão trabalhar cedo. No entanto, há trabalhos que é útil que termines antes de partir; é porque te deixaremos o tempo necessário para acabá-los.

Nota. – Supondo aproximadamente a duração dos trabalhos que me restam a fazer, e tendo em conta o tempo de minha ausência e os anos da infância e da juventude, até a idade que um homem pode desempenhar um papel no mundo, isso nos leva, forçosamente, ao fim deste século ou ao começo do outro.

Auto-de-fé de Barcelona

21 DE SETEMBRO DE 1861

(Em minha casa. Méd. sr. d'A...)

A pedido do Sr. Lachâtre, então estabelecido em Barcelona, eu lhe expedira uma quantidade de O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, as coleções da Revista Espírita e diversas obras e brochuras espíritas, formando um total em torno de 300 volumes. A expedição fora feita regularmente pelo seu correspondente em Paris, numa caixa contendo outras mercadorias, e sem a menor infração à legalidade. Na chegada dos livros, se fez o destinatário pagar os direitos de entrada, mas, antes de liberá-los, deveu-se submetê-los à apreciação do Bispo, a autoridade eclesiástica sendo, nesse país, a polícia das livrarias. Este estava então em Madri; em seu retorno, sobre o relatório que disso lhe foi feito, ordenou que as ditas obras fossem apreendidas e queimadas em praça pública, pela mão do carrasco. A execução da sentença foi fixada para 9 de outubro de 1861.

Se se tivesse procurado introduzir essas obras por contrabando, a autoridade espanhola estaria em seu direito de dispor delas à sua maneira; mas, desde o instante que não houve fraude nem surpresa, o que provam os direitos voluntariamente pagos, era de rigorosa justiça que se lhes ordenasse a reexportação, se não lhe conviesse admiti-los. As reclamações feitas junto ao consul francês, em Barcelona, foram sem resultado. O Sr. Lachâtre me perguntou se era preciso submetê-los à autoridade superior; o meu conselho foi o de deixar consumir-se esse ato arbitrário; todavia, acreditei dever tomar o do meu guia espiritual.

Pergunta. (À Verdade). – Não ignorais, sem dúvida, o que vem de se passar em Barcelona a respeito das obras espíritas; teríeis a bondade de me dizer se convém perseguir a sua restituição?

Resposta. – Em direito podes reclamar essas obras, e delas, certamente, obtereis a restituição, dirigindo-se ao Ministro dos assuntos estrangeiros da França. Mas a minha opinião é que resultará desse auto-de-fé um bem maior que não produziria a leitura de alguns volumes. A perda material não é nada em comparação com a repercussão que semelhante fato dará à Doutrina. Compreendes o quanto uma perseguição tão ridícula e tão atrasada poderá fazer o Espiritismo progredir na Espanha. As idéias se difundirão com tanto mais rapidez, e as obras serão procuradas com tanto mais deligência, quanto as tiver queimado. Tudo está bem.

Pergunta. – Convém fazer, a esse respeito, um artigo no próximo número da Revista?

Resposta. – Espera o auto-de-fé.

Auto-de-fé de Barcelona

9 DE OUTUBRO DE 1861

Esta data marcará, nos anais do Espiritismo, pelo auto-de-fé dos livros espíritas em Barcelona. Eis o extrato da ata da execução:

"Neste dia, nove de outubro, de mil oitocentos e sessenta e um, às dez horas e meia da manhã, na esplanada da cidade de Barcelona, no lugar onde são executados os criminosos condenados ao último suplício, e por ordem do Bispo desta cidade, foram queimados trezentos volumes de brochuras sobre o Espiritismo, a saber: O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec... etc."

Os principais jornais da Espanha deram conta detalhada desse fato, que os órgãos da imprensa liberal desse país, justamente estigmatizaram. Há a se notar que, na França, os jornais liberais se limitaram a mencioná-lo sem comentários. O próprio *Siècle*, tão ardente em estigmatizar os abusos de poder e os menores atos de intolerância do clero, não encontrou uma palavra de reprovação para esse ato digno da Idade Média. Alguns jornais, da pequena imprensa, nisso encontraram mesmo o dito espirituoso para rir. Toda crença à parte, havia ali uma questão de princípio, de direito internacional interessando a todo o mundo, sobre a qual não teriam passado tão levemente se se tratasse de certas outras obras. Não calam a censura quando se trata de uma simples recusa de estampilha para a venda de um livro materialista; ora, a inquisição erguendo as suas fogueiras com a antiga solenidade, à porta da França, tinha bem maior gravidade. Por que, pois, essa indiferença? É que se tratava de uma doutrina cuja incredulidade via com terror os progressos; reivindicar a justiça em seu favor, era consagrar o seu direito à proteção da autoridade, e aumentar o seu crédito. Seja como for, o auto-de-fé de Barcelona com isso não produziu menos o efeito esperado, pela ressonância que teve na Espanha, onde contribuiu poderosamente para propagar as idéias espíritas. (Ver a Revista Espírita de novembro de 1861, página 321.)

Esse acontecimento deu lugar a numerosas comunicações da parte dos Espíritos. A que se segue foi obtida espontaneamente na Sociedade de Paris, em 19 de outubro, em meu retorno de Bordeaux.

"Faltava alguma coisa que castigasse com um golpe violento certos Espíritos encarnados para que se decidissem a se ocupar dessa grande Doutrina que deve regenerar o mundo. Nada está inutilmente feito sobre a vossa Terra para isso, e, nós que inspiramos o auto-de-fé de Barcelona, sabíamos bem que, assim agindo, faríamos dar um passo imenso à frente. Esse fato brutal, inaudito nos tempos atuais, foi consumado para o efeito de atrair a atenção dos jornalistas que estavam indiferentes diante da agitação profunda que movimentava as cidades e os centros

espíritas; deixavam dizer e deixavam fazer; mas se obstinavam em fazer ouvidos de mercador, e respondiam pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Quer queiram quer não, é preciso que dele falem hoje; uns constatando o histórico do fato Barcelona, os outros desmentindo-o, deram lugar a uma polêmica que fará volta ao mundo, e da qual só o Espiritismo aproveitará. Eis porque, hoje, a retaguarda da inquisição fez o seu último auto-de-fé, assim como o quisemos. "

UM ESPÍRITO.

Nota. – Foi-me enviado de Barcelona um desenho de aquarela feito sobre os lugares por um artista distinto, e representando a cena do auto-de-fé. Dele fiz uma fotografia reduzida. Possuo, igualmente, cinzas recolhidas da fogueira, entre as quais se encontram fragmentos ainda legíveis de folhas queimadas. Conservo-as numa urna de cristal. (1)

(1) A Livraria espírita as possui sempre.

Meu sucessor

22 DE DEZEMBRO DE 1861

(Em minha casa; comunicação particular, méd. sr. D'A...)

Tendo uma conversa com os Espíritos levado a falar de meu sucessor na direção do Espiritismo, coloquei a pergunta seguinte:

Pergunta. – Muitos entre os adeptos se inquietam quanto ao que se tornará o Espiritismo depois de mim, e se perguntam quem me substituirá quando eu partir, tendo em vista que não se vê ninguém se mostrar, de maneira notória, para tomar-lhe as rédeas.

Respondo que não tenho a pretensão de ser o único ser indispensável; que Deus é muito sábio para fazer repousar o futuro de uma doutrina, que deve regenerar o mundo, sobre a vida de um homem; que, aliás, sempre me foi dito que a minha tarefa era constituir a Doutrina, e que me será dado o tempo necessário. A de meu sucessor será, pois, mais fácil, uma vez que o caminho estará todo traçado, e bastar-lhe-á segui-lo. No entanto, se os Espíritos julgarem o momento oportuno para me dizerem alguma coisa, de mais positiva, a esse respeito, por isso lhes seria reconhecido.

Resposta. – Tudo isso está rigorosamente verdadeiro; eis o que nos é permitido te dizer a mais.

Tens razão em dizer que não és indispensável: só és aos olhos dos homens porque era necessário que o trabalho de organização fosse concentrado nas mãos de um só, para que houvesse unidade; mas não o és aos olhos de Deus. Foste escolhido, eis porque estás só; mas não és, como de resto sabes, o único capaz de cumprir essa missão; se ela fosse interrompida por uma causa qualquer, a Deus não faltariam pessoas para te substituir. Assim, seja o que aconteça, o Espiritismo não pode periclitar.

Até que o trabalho de elaboração esteja terminado, é, pois, necessário que sejas o único em evidência, porque seria preciso uma bandeira ao redor da qual pudesse se unir; seria preciso que se te considerasse como indispensável, para que a obra, saída de tuas mãos, tenha mais autoridade no presente e no futuro; seria mesmo preciso que se concebesse medo pelas consequências de tua partida.

Se aquele que deve te substituir fosse designado antes, a obra, não acabada, poderia ser entravada; formar-se-iam, contra ele, oposições suscitadas pelo ciúme; discutir-se-ia antes que

tivesse dado suas provas; os inimigos da Doutrina procurariam barrar-lhe o caminho, e disso resultariam cismas e divisões. Ele se revelará, pois, quando o momento chegar.

Sua tarefa será tornada mais fácil, porque, como o dizes, o caminho estará todo traçado; se dele se desviasse, ele mesmo se perderia, como já se perderam aqueles que quiseram se colocar de permeio; mas será mais penosa num outro sentido, porque haverá lutas mais duras a sustentar. A ti incumbe a responsabilidade da concepção, a ele a da execução; por isso, esse deverá ser um homem de energia e de ação. Admire aqui a sabedoria de Deus na escolha de seus mandatários: tens as qualidades que são necessárias para o trabalho que deves realizar, mas não tens as que serão necessárias ao teu sucessor; a ti é preciso a calma, a tranquilidade do escritor que amadurece as idéias no silêncio da meditação; a ele, será preciso a força do capitão que comanda um navio segundo as regras traçadas pela ciência. Desincumbido do trabalho da criação da obra, sob o peso do qual o teu corpo sucumbirá, estará mais livre para aplicar todas as suas faculdades no desenvolvimento e na consolidação do edifício.

Pergunta. – Poderíeis me dizer se a escolha de meu sucessor está fixada desde este momento?

Resposta. – Está sem sê-lo, tendo em vista que, tendo o homem o seu livre arbítrio, pode recuar no último momento diante da tarefa que ele mesmo escolheu. É preciso, também, que ele dê provas de capacidade, de devotamento, de desinteresse e de abnegação. Se não estiver movido senão pela ambição e o desejo de evidenciar-se, certamente, será posto de lado.

Perg. – Sempre foi dito que vários Espíritos superiores devem se reencarnar para ajudar o movimento.

Resp. – Sem dúvida, vários Espíritos terão essa missão, mas cada um terá a sua especialidade, e agirá, pela sua posição, sobre tal ou tal parte da sociedade. Todos se revelarão pelas suas obras, e nenhum por uma pretensão qualquer à supremacia.

Imitação do Evangelho

(Ségur, 9 de agosto de 1863, médium sr. D'A...)

Nota. – Eu não tinha comunicado a ninguém o assunto do livro no qual trabalhava; tivera-lhe o título de tal modo em segredo que o editor, Sr. Didier, não o conheceu senão quando da impressão. Esse título foi de início, para a primeira edição: Imitação do Evangelho. Mais tarde, sobre as observações reiteradas do Sr. Didier, e de algumas outras pessoas, foi mudado para o de: O Evangelho segundo o Espiritismo. As reflexões contidas nas comunicações seguintes não poderiam ser o resultado de idéias preconcebidas do médium.

Perg. – Que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resp. – Esse livro das doutrinas terá uma influência considerável; nele abordas questões capitais, e não só o mundo religioso nele encontrará as máximas que lhe são necessárias, mas a vida prática das nações nele haurirão excelentes instruções. Fizeste bem em abordar questões de alta moral prática do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida deve ser destruída; a Terra e as suas populações civilizadas estão preparadas; já faz bastante tempo que os teus amigos de além-túmulo a desbravaram; lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra grave na ordem irradiante das esferas, e que saia, enfim, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Acaba a tua obra, e contem com a proteção de teu guia, nosso guia de todos, e com o concurso devotado de teus mais fiéis Espíritos, no número dos quais queira muito sempre me contar.

Perg. – Que dirá disso o clero?

Resp. – O clero clamará à heresia, porque verá que nele atacas firmemente as penas eternas e outros pontos sobre os quais apóia a sua influência e o seu crédito, clamará tanto mais que se sentirá muito mais ferido do que pela publicação de O Livro dos Espíritos, do qual a rigor, podia aceitar os princípios dados; mas, no presente, vais entrar num novo caminho onde ele não poderá te seguir. O anátema secreto tornar-se-á oficial, e os Espíritas serão rejeitados junto aos Judeus e aos Pagãos pela Igreja romana. Em compensação, os Espíritas verão seu número aumentar, em razão dessa espécie de perseguição, sobretudo vendo os padres acusarem de obra absolutamente demoníaca uma Doutrina cuja moralidade brilhará como um raio de Sol pela publicação mesma de teu novo livro, e daqueles que o seguirão.

Eis que a hora se aproxima em que será preciso declarar abertamente o Espiritismo por aquilo que ele é, e mostrar a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo; a hora se aproxima em que, diante do céu e da Terra, deverás proclamar o Espiritismo como a única tradição realmente cristã, a única instituição verdadeiramente divina e humana. Escolhendo-te, os Espíritos sabiam da solidez de tuas convicções, e que a tua fé, como uma muralha de bronze, resistiria a todos os ataques.

No entanto, amigo, se a tua coragem ainda não faliu na tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo bem que comeste o teu pão branco principal, e que eis chegada a hora das dificuldades. Sim, caro Mestre, a grande batalha se prepara; o fanatismo e a intolerância, levantados pelo sucesso de tua propaganda, vão disparar, sobre ti e os teus, com armas envenenadas. Prepara-te para a luta. Mas tenho fé em ti, como tens fé em nós, e porque a tua fé é daquelas que transporta as montanhas e faz caminhar as águas sobre elas. Coragem, pois, e que a tua obra se realize. Conta conosco, e conta sobretudo com a grande alma do nosso Mestre de todos, que te protege de um modo tão particular.

PARIS, 14 DE SETEMBRO DE 1863.

Nota. – Tinha solicitado para mim uma comunicação, sobre um assunto qualquer, e pedi que me fosse enviada para o meu retiro de Sainte-Adresse.

"Quero muito te falar de Paris, embora a utilidade disso não me pareça demonstrada, tendo em vista que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir ao teu redor, e que o teu cérebro percebe as nossas inspirações com uma facilidade da qual tu mesmo não desconfias. Nossa ação, sobretudo a do Espírito de Verdade, é constante ao teu redor, e tal que não podes recusá-la. É por que não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra que tens, segundo os meus conselhos ocultos, tão largamente e tão completamente modificado. Compreendes agora porque tínhamos necessidade de tê-lo sob a mão, livre de toda outra preocupação senão daquela da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos juntos, tem necessidade de recolhimento e de isolamento sagrado. Sigo com um vivo interesse os progressos de teu trabalho, que são um passo considerável para a frente, e abrem, enfim, ao Espiritismo, o largo caminho das aplicações úteis para o bem da sociedade. Com essa obra, o edifício começa a se livrar de seus alicerces, e já se pode entrever a sua cúpula se desenhar no horizonte. Continua, pois, sem impaciência, como sem cansaço; o monumento estará acabado na hora fixada.

Já nos entretivemos com questões incidentes do momento, quer dizer, com questões religiosas. O Espírito de Verdade falou-te das revolta que ocorrem nesta hora; essas hostilidades previstas são necessárias para manter desperta a atenção dos homens, tão fáceis em se deixar desviar de um assunto sério. Aos soldados que combatem pela causa vão se juntar, incessantemente, novos

combatentes, cujas palavras e cujos escritos farão sensação, e levarão a perturbação e a confusão às fileiras de nossos adversários.

Adeus, caro companheiro de outros tempos, discípulo fiel da verdade, que continua, através da vida, a obra à qual juramos outrora, nas mãos do grande Espírito que te ama e que te venera, consagrar as nossas forças e as nossas existências até que ela esteja acabada. Saudação a ti."

Nota. – O plano da obra fora, com efeito, completamente modificado, o que, seguramente, o médium não poderia saber, uma vez que estava em Paris e eu em Sainte-Adresse; também não poderia saber que o Espírito de Verdade me falara a respeito da revolta do Bispo de Alger e outros. Todas essas circunstâncias estavam bem feitas para me confirmarem a parte que os Espíritos tomavam em meus trabalhos.

A Igreja

PARIS, 30 DE SETEMBRO DE 1863.

(Méd. sr. d'A...)

Eis-te de retorno, meu amigo, e não perdeste o teu tempo; à obra ainda, porque não é preciso queimar a bigorna. Forja, forja armas bem temperadas; repousa de teus trabalhos por trabalhos mais difíceis; todos os elementos ser-te-ão colocados nas mãos, na medida da necessidade.

É chegada a hora em que a Igreja deverá prestar conta do depósito que lhe foi confiado, da maneira pela qual praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez de sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade ao qual conduziu os espíritos; é chegada a hora em que ela deverá dar a César o que é de César e incorrer na responsabilidade de todos os seus atos. Deus a julgou, e a reconheceu imprópria, doravante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual. Não seria senão por uma transformação absoluta que poderia viver; ela, porém se resignará a essa transformação? Não, porque então não seria mais a Igreja; para se assimilar as verdades e as descobertas da ciência, seria necessário renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamento; para retornar à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, ser-lhe-ia necessário renunciar ao poder, à dominação, trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade apostólicas. Está entre duas alternativas; se ela se transforma, se suicida; se permanece estacionária, sucumbe sob a opressão do progresso.

De resto, já Roma está na ansiedade, e sabe-se, na Vida Eterna, pelas revelações irrecusáveis, que a Doutrina Espírita está chamada a causar uma viva dor ao papado, porque o Cisma se prepara rigorosamente na Itália. Não é preciso, pois, admirar-se da obstinação que o clero põe para combater o Espiritismo, sendo a isso levado pelo instinto de conservação; mas já viu as suas armas se enfraquecerem contra esse poder nascente; os seus argumentos não puderam ter a inflexível lógica; não lhe resta senão o demônio; é um pobre auxiliar no século XIX.

De resto, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais do que entre ela e o Espiritismo; é o progresso geral das idéias que lhe rebate os argumentos de todos os lados, e sob o qual sucumbirá, como tudo o que não se coloca em seu nível. A marcha rápida das coisas deve vos fazer pressentir que o desfecho não se fará esperar por muito tempo; a própria Igreja parece impelida fatalmente para o precipício. (Espírito d'E.)

Vida de Jesus, por Renan

PARIS, 14 DE OUTUBRO DE 1863. – MÉD. SR. d'A...

(Sobre o futuro de diferentes publicações.)

Pergunta. (a Erasto). – Que efeito produzirá A vida de Jesus, por Renan?

Resp. – O efeito será imenso; o rumor será grande no clero, porque esse livro transtorna os próprios fundamentos do edifício sob o qual se abriga há dezoito séculos. Esse livro não é irrepreensível, longe disso, porque é o reflexo de uma opinião exclusiva que circunscreve sua visão no círculo estreito da vida material. O Sr. Renan, no entanto, não é materialista, mas é dessa escola que, se não nega o princípio espiritual, não lhe atribui nenhum papel efetivo e direto na condução das coisas do mundo. É desses cegos inteligentes que explicam, à sua maneira, o que não podem ver; que, não compreendendo o mecanismo da visão à distância, pensam que não se pode conhecer uma coisa senão tocando-a. Também reduziu o Cristo às proporções do homem mais vulgar, negando-lhe todas as faculdades que são o atributo do Espírito livre e independente da matéria.

Entretanto, ao lado de erros capitais, sobretudo no que toca à espiritualidade, esse livro contém observações muito justas, que escaparam até aqui aos comentaristas, e que lhe dão uma alta importância, de certo ponto de vista. O seu autor pertence a essa legião de Espíritos encarnados que se podem chamar os demolidores do velho mundo; têm por missão nivelar o terreno sobre o qual se edificará um mundo novo, mais racional. Deus quis que um escritor, justamente reputado diante dos homens, do ponto de vista do talento, viesse lançar luz sobre certas questões obscuras e maculadas por preconceitos seculares, a fim de predispor os Espíritos às novas crenças. Sem disso desconfiar, o Sr. Renan aplainou o caminho para o Espiritismo.

Precursores da tempestade

30 DE JANEIRO DE 1866

(Paris. Grupo do sr. Golovine, méd. sr. L...)

Permiti, a um antigo dignatário de Táurida, bendizer os vossos dois filhos; possam eles, sob a égide de suas duas mães, tornarem-se inteligentes em tudo e serem, para vós, a fonte de satisfações reais! Desejo-lhes serem espíritas convencidos, quer dizer, de tal modo saturados de idéias de outras vidas, de princípios de fraternidade, de caridade e de solidariedade, que os acontecimentos que se precipitarão, em sua idade de consciência e de razão, não possam espantá-los, nem enfraquecer a sua confiança na justiça divina, no meio das provas que a Humanidade deve suportar.

Às vezes, espantais-vos com o azedume com o qual os vossos adversários vos atacam; segundo eles, sois loucos, visionários; tomais a ficção pela verdade; ressuscitais o diabo e todos os erros da Idade Média.

A todos esses ataques, sabeis que responder seria começar uma polêmica sem resultado. O vosso silêncio prova a vossa força, e, não lhes dando ocasião de resposta, acabarão por se calar.

O que há mais a temer é o imprevisto. Que uma mudança de governo ocorra no sentido ultramontano mais intolerante, e, certamente, sériéis acoissados, conspurcados, combatidos, condenados, expatriados. Mas os acontecimentos, mais fortes dos que as mais surdas manobras, preparam, no horizonte político, uma tempestade bem negra, e, quando a tempestade explodir, tratai de estar bem abrigados, bem fortes, bem desinteressados. Haverá ruínas, invasões, delimitações de fronteiras, e, desse naufrágio imenso que nos virá da Europa, da Ásia, da

América, o que sobreviverá, sabe-o, serão as almas bem temperadas, os espíritos esclarecidos, tudo o que for justiça, lealdade, honra, solidariedade.

As vossas sociedades, tais como estão organizadas, são perfeitas? Mas tendes párias aos milhões; a miséria enche, sem cessar, as vossas prisões, os vossos lupanares e abastece o patíbulo. A Alemanha vê, como em todos os tempos, emigrar os seus habitantes por centenas de milhares, o que não é a honra dos governantes; o Papa, príncipe temporal, derrama o erro no mundo, em lugar do Espírito de Verdade, do qual é artificial emblema. Por toda a parte, a inveja; vejo interesses que se combatem, e não esforços para levantar o ignorante. Os governos, minados por príncipes egoístas, pensam em se escorar contra a onda que sobe, e essa onda é a consciência humana que se insurge, enfim, depois de séculos de espera, contra a minoria que explora as forças vivas das nacionalidades.

Nacionalidades! Possa a Rússia não ter encontrado um escolho terrível, nessa palavra, um Cabo das Tormentas! Bem-amado país, possam os teus homens de Estado não esquecer que a grandeza de um país não consiste em ter fronteiras indefinidas, muitas províncias, e não aldeias, algumas grandes cidades num oceano de ignorância, de planícies imensas, desertas e estéreis, inclementes como a inveja, como tudo o que é falso e bate falso. O Sol achará bom não se deitar sobre as vossas conquistas, não haverá menos deserdados, rangeres de dentes, todo um inferno ameaçador e escancarado como a imensidade.

E, no entanto, as nações, como os governos, têm o seu livre arbítrio; como as simples individualidades, sabem se dirigir para o amor, a união, a concórdia; fornecirão à tempestade anunciada, elementos elétricos próprios para melhor destruí-las e desagregá-las.

INNOCENT. Em sua vida, arcebispo de Táurida.

A nova geração

30 DE JANEIRO DE 1866

(Lyon. Grupo Villon. - Méd. sr. G.)

A Terra vibra de alegria; o dia do Senhor se aproxima; tudo o que é cabeça entre nós conspira para a inveja entrar na liça. Já o Espírito de algumas valentes almas encarnadas sacode o seu corpo para destruí-lo; a carne confusa não sabe o que pensar, um fogo desconhecido a devora; elas serão libertadas porque os tempos estão chegados: uma eternidade está no ponto de expirar, uma eternidade vai logo aparecer, e Deus conta os seus filhos.

O reino do ouro dará lugar a um reino mais puro; o pensamento será logo soberano, e os Espíritos de elite, que vieram, desde as épocas recuadas, iluminar o seu século, e servir de referência aos séculos futuros, vão se encarnar entre vós. A sua palavra sábia vai levar uma chama destruidora que fará devastações irreparáveis no seio dos velhos abusos. Que os preconceitos antigos vão desabar de uma só vez, quando o Espírito, como um machado duplamente afiado, virá miná-los em seus fundamentos.

Sim, os pais do progresso do espírito humano deixaram, uns as moradas radiosas, outros os grandes trabalhos onde a felicidade se junta ao prazer de se instruírem, para virem retomar o bastão de peregrino que não haviam senão depositado no limiar do templo da ciência, e, dos quatro cantos do globo, logo os sábios oficiais vão ouvir, com pavor, jovens pessoas imberbes, que virão, numa linguagem profunda, retorquir os seus argumentos, que acreditavam irrefutáveis. O sorriso zombador não poderá mais ter um escudo seguro, e, sob pena de queda, será preciso

responder. Será, então, que o círculo vicioso, no qual se encerram os mestres da vã filosofia, será posto a descoberto, porque os novos combatentes levam consigo, não somente um archote, que é a inteligência desembaraçada dos véus grosseiros, mas ainda muitos dentre eles gozarão desse estado particular, privilégio das grandes almas, como Jesus, que dá o poder de curar e de fazer maravilhas, reputadas milagres. Diante dos fatos materiais, onde o espírito se mostra tão superior à matéria, como negar os Espíritos? O materialista será rechaçado em seus discursos, e pela palavra mais eloqüente do que a sua, e pelo fato patente, positivo, e averiguado por todos, porque, grandes e pequenos, novos São Tomés, poderão tocar com o dedo.

Sim, o velho mundo carcomido estala em todos os sentidos; o velho mundo acaba, e com ele todos os seus velhos dogmas, que não reluzem ainda senão pela douradura com a qual são cobertos. Espíritos valentes, cabe a vós a tarefa de raspar esse ouro falso; para trás, vós que quereis em vão escorar esse ídolo; batido por toda a parte, ele vai desabar, e vos arrastará em sua queda.

Para trás, todos vós negadores do progresso; para trás, com as vossas crenças de uma outra época. Por que negais o progresso e quereis entravá-lo? É que, querendo vencer, vencer ainda e sempre, condensastes o vosso pensamento em artigos de fé, dizendo à Humanidade: "Serás sempre criança, e nós, que temos a iluminação do alto, estamos destinados a te conduzir."

Mas vistes as andadeiras da criança vos ficar nas mãos; e a criança saltar diante de vós, e negais ainda que possa caminhar sozinha! Será batendo-lhe com as andadeiras que devereis provar-lhe a autoridade de vossos argumentos? Não; e o reconheceis bem; mas é tão suave, quando se diz infalível, para crer que os outros têm ainda fé nessa infalibilidade, na qual vós mesmos não credes mais.

Ah! que gemidos não se produzem no santuário! É lá que, prestando-se atenção, ouvem-se cochichos dolorosos. Que dizeis, pois, pobres obstinados? Que a mão de Deus cai sobre sua Igreja? Que, por toda a parte, a imprensa livre rebate os vossos argumentos? Onde estará esse novo Chrisóstomo cuja palavra poderosa reduziria a nada esse dilúvio de faladores? Em vão o esperais; as vossas penas mais vigorosas, e as mais credenciadas, nada mais podem; obstinam-se em se aferrar ao passado que se lhe vai, quando a nova geração, em seu vôo irresistível que a impele para a frente, exclama: Não, não mais de passado; a nós o futuro; uma nova aurora se eleva, e é para lá que tendem as nossas aspirações!

Em frente! disse ela; alargai o caminho, os nossos irmãos nos seguem; segui a onda que nos arrasta; temos necessidade do movimento que é a vida, ao passo que vós nos apresentais a imobilidade que é a morte.

Abri os vossos túmulos, as vossas catacumbas; saciai a vossa visão com os velhos restos de um passado que não é mais. Os vossos mártires não morreram para imobilizar o presente. Entreviram a nossa época e se lançaram na morte como sobre o caminho que a ela deveria conduzir. A cada época o seu gênio; queremos vos lançar na vida, porque os séculos futuros que nos aparecem têm horror da morte.

Eis, meus amigos, o que os valentes Espíritos que se encarnam presentemente vão fazer compreender. Este século não se acabará sem que muitos restos não cubram o solo. A guerra mortífera e fraticida se apagará logo diante da discussão; o espírito substituirá a força bruta. E, depois que todas essas almas generosas tiverem combatido, reentrarão no nosso mundo espiritual, para receberem a coroa do vencedor.

Eis o objetivo, meus amigos; os combatentes são muito aguerridos para que o sucesso seja duvidoso. Deus escolheu a elite de seus combatentes, e a vitória é aquisição da Humanidade.

Regozijai-vos, pois, todos vós que aspirais à felicidade, e que quereis que os vossos irmãos dela participem como vós, o dia é chegado! A Terra pula de alegria, porque vai ver começar o reino de paz prometido pelo Cristo, o divino messias, reino do qual veio colocar os fundamentos.

UM ESPÍRITO

Instruções para a saúde do Sr. Allan Kardec

23 DE ABRIL DE 1866

(Paris. Comunicação particular. Méd. sr. D...)

A saúde do Sr. Allan Kardec se enfraquecendo dia a dia, em consequência de trabalhos excessivos, aos quais não pode bastar, vejo-me na necessidade de lhe repetir de novo o que já lhe disse muitas vezes: Tendes necessidade de repouso; as forças humanas têm limites que o vosso desejo de ver progredir o ensinamento vos leva, freqüentemente, a transgredi-los; estais errado, porque, agindo assim, não apressareis a marcha da Doutrina, mas arruinareis a vossa saúde e vos colocais na impossibilidade material de acabar a tarefa que viestes cumprir nesse mundo. A vossa enfermidade atual não é senão o resultado de um dispêndio incessante de forças vitais que não deixa, à reparação, o tempo de se fazer, e de um aquecimento do sangue produzido pela falta absoluta de repouso. Nós vos sustentamos, sem dúvida, mas com a condição de que não desfaço o que nós fazemos. De que serve correr? Não vos foi dito muitas vezes que cada coisa virá a seu tempo, e que os Espíritos encarregados do movimento das idéias saberiam fazer surgir as circunstâncias favoráveis quando o momento de agir chegasse?

Quando cada espírita reúne as suas forças para a luta, pensais que seja do vosso dever esgotar as vossas? Não, em tudo deveis dar o exemplo e o vosso lugar estará em questão no momento do perigo. Que faríeis se o vosso corpo enfraquecido não permitisse mais ao vosso Espírito servir-se das armas que a experiência e a revelação vos colocaram nas mãos? – Crede-me, remetei para mais tarde as grandes obras destinadas a completar a obra esboçada nas vossas primeiras publicações; vossos trabalhos correntes, e algumas pequenas brochuras urgentes têm com que absorver o vosso tempo, e devem ser os únicos objetos de vossas preocupações atuais.

Não vos falo somente em meu nome, sou aqui o delegado de todos esses Espíritos que contribuíram tão poderosamente para a propagação do ensinamento, pelas suas sábias instruções. Eles vos dizem, por meu intermédio, que esse retardamento que pensais nocivo ao futuro da Doutrina, é uma medida necessária em mais de um ponto de vista, seja porque certas questões não estão ainda completamente elucidadas, seja para preparar os Espíritos para melhor assimilá-las. É necessário que outros tenham aplainado o terreno, que certas teorias tenham provado a sua insuficiência e feito um maior vazio. Em uma palavra, o momento não é oportuno; poupai-vos, pois, porque, quando chegar o vosso tempo, todo o vosso vigor, de corpo e de Espírito, vos será necessário. O Espiritismo foi, até aqui, o objeto de muitas diatribes, ele provocou muitas tempestades? Credes que todo movimento seja apaziguado, que todos os ódios sejam acalmados e reduzidos à impotência? Desenganai-vos, o cadinho depurador ainda não rejeitou todas as impurezas; o futuro vos guarda outras provas e as últimas crises não serão as menos penosas para suportar.

Sei que a vossa posição particular vos sucita uma multidão de trabalhos secundários que empregam a melhor parte de vosso tempo. Os pedidos de todas as espécies vos acabrunham e vos fazeis um dever satisfazê-los tanto quanto possível. Farei aqui o que, sem dúvida, não ousaríeis fazer, vós mesmo, e, dirigindo-me à generalidade dos Espíritas, pedir-lhes-ei, no

interesse do próprio Espiritismo, vos poupar toda sobrecarga de trabalho de natureza a absorver os instantes que deveis consagrar quase exclusivamente ao acabamento da obra. Se a vossa correspondência nisso sofrer um pouco, o ensinamento aí ganhará.

Algumas vezes, é necessário sacrificar as satisfações particulares ao interesse geral. É uma medida urgente que todos os adeptos sinceros saberão compreender e aprovar.

A imensa correspondência que recebeis é para vós uma fonte preciosa de documentos e de ensinamentos; esclarece-vos sobre a marcha verdadeira e os progressos reais da Doutrina; é um termômetro imparcial; nela hauris, além disso, satisfações morais que, mais de uma vez, sustentaram a vossa coragem, vendo a adesão que as vossas idéias encontram em todos os pontos do globo; sob esse aspecto, a superabundância é um bem e não um inconveniente, mas com a condição de secundar os vossos trabalhos, e não de entravá-los, criando-vos um aumento de ocupações.

Doutor DEMEURE.

Bom senhor Demeure, eu vos agradeço pelos sábios conselhos. Graças à resolução que tomei de me fazer substituir, salvo os casos excepcionais, a correspondência corrente sofre pouco agora, e não sofrerá mais no futuro; mas, que fazer deste atraso de mais de quinhentas cartas que, apesar de toda a minha boa vontade, não pude chegar a colocar em dia?

Resp. – É preciso, como se diz em termo de comércio, passá-las em bloco para a conta de lucros e perdas. Anunciando essa medida na Revista, os vossos correspondentes terão a que se ligar; compreenderão a sua necessidade, e a acharão sobretudo justificada pelos conselhos precedentes. Eu o repito, seria impossível que as coisas caminhassem por muito tempo como está; todos a sofreriam, e a vossa saúde e a Doutrina. É preciso, há necessidade, de saber fazer os sacrifícios necessários. Tranquilo, doravante, sobre esse ponto, podereis vagar mais livremente em vossos trabalhos obrigatórios. Eis o que vos aconselha aquele que será sempre vosso amigo devotado.

DEMEURE.

Aceitando esse sábio conselho, pedimos aos nossos correspondentes, com os quais estávamos há muito tempo em atraso, para aceitarem as nossas desculpas e os nossos lamentos por não ter podido responder com detalhes, e como teríamos desejado, às suas benevolentes cartas, e de bem quererem aceitar, coletivamente, a expressão dos nossos sentimentos fraternais.

Regeneração da Humanidade

25 DE ABRIL DE 1866.

(Paris, resumo das comunicações dadas pelos srs. M... e T... em sonambulismo.)

Os acontecimentos se precipitam com rapidez, também não dizemos mais, como outrora: "Os tempos estão próximos"; dizemo-vos agora: "Os tempos são chegados."

Por estas palavras não entendeis um novo dilúvio, nem um cataclismo, nem um transtorno geral. Convulsões parciais do globo ocorrem em todas as épocas, e se produzem ainda, porque se ligam à sua constituição, mas esses não são os sinais dos tempos.

No entanto, tudo o que está predito no Evangelho deve se cumprir e se cumpre neste momento, assim como o conhecereis mais tarde; mas não tomeis os sinais anunciados senão como figuras, das quais é preciso apreender o espírito e não a letra. Todas as Escrituras encerram grandes

verdades sob o véu da alegoria, e é porque os comentaristas se ligam à letra que se extraviaram. Falta-lhes a chave para delas compreenderem o verdadeiro sentido. Essa chave está nas descobertas da ciência e nas leis do mundo invisível, que o Espiritismo vem nos revelar. Doravante, com a ajuda desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas, e as leis imutáveis de Deus não serão nunca invertidas. Não vereis, pois, nem milagres, nem prodígios, nem nada de sobrenatural no sentido vulgar ligado a essas palavras.

Não olheis para o céu para nele procurar os sinais precursores, porque nele nada vereis, e aqueles que vo-los anunciaram vos enganaram; mas olhai ao redor de vós, entre os homens, será aí que os encontrareis.

Não sentis como um vento que sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo está numa espera e como tomado de um vago pressentimento da aproximação da tempestade.

Não credes, no entanto, no fim do mundo material; a Terra progrediu desde a sua transformação; deve progredir ainda, e não ser destruída. Mas a Humanidade chegou a um de seus períodos de transformação, e a Terra vai se elevar na hierarquia dos mundos.

Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral: é o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho e do fanatismo que desaba; cada dia leva-lhe alguns resíduos. Tudo acabará para ele com a geração que dele se vai, e a geração nova elevará o novo edifício que as gerações seguintes consolidarão e completarão.

De mundo de expiação, a Terra está chamada a se tornar, um dia, um mundo feliz, e sua habitação será uma recompensa, em lugar de ser uma punição. O reino do bem deve nela suceder ao reino do mal.

Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é necessário que ela não seja povoada senão por bons Espíritos, encarnados e desencarnados, que não quererão senão o bem. Tendo chegado esse tempo, uma grande emigração se cumprirá, nesse momento, entre aqueles que a habitam; aqueles que fazem o mal pelo mal, que o sentimento do bem não toca, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque nela levariam, de novo, a perturbação e seriam um obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento em mundos inferiores, onde levarão os seus conhecimentos adquiridos, e que terão por missão fazê-los avançar. Serão substituídos na Terra por Espíritos melhores, que farão reinar, entre eles, a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, dissemos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá, gradualmente, e a nova lhe sucederá igualmente sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas. Tudo se passará, pois, exteriormente, como de hábito, com esta única diferença, mas essa diferença é capital, de que uma parte dos Espíritos que aí se encarnam nela não se encarnarão mais. Numa criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e levado ao mal, que nela estaria encarnado, será um Espírito mais avançado e levado ao bem. Trata-se, pois, bem menos de uma nova geração corporal do que de uma nova geração de Espíritos. Assim, aqueles que esperam ver as transformações se operarem por efeitos sobrenaturais e maravilhosos, estarão decepcionados.

A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma se assinala já no mundo pelos caracteres que lhe são próprios.

As duas gerações, que sucedem uma à outra, têm idéias e objetivos muito opostos. Pela natureza das disposições morais, mas sobretudo pelas disposições intuitivas e inatas, e fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

A nova geração, devendo fundar a era de progresso moral, se distingue por uma inteligência e uma razão geralmente precoces, unidas ao sentimento inato do bem e das crenças espiritualistas, o que é o sinal indubitável de um certo grau de adiantamento anterior. Ela não será composta exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas daqueles que, tendo já progredido, estão predispostos a assimilar todas as idéias progressistas e aptos a secundar o movimento regenerador.

O que distingue, ao contrário, os Espíritos atrasados, é primeiro a revolta contra Deus, pela negação da Providência e de todo poder superior à Humanidade; depois a propensão instintiva para as paixões degradantes, para os sentimentos antifraternais do orgulho, do ódio, do ciúme, da cupidez, enfim, a predominância do apego para tudo o que é material.

São esses vícios dos quais a Terra deve ser purgada, pelo afastamento daqueles que recusam se emendar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade e que os homens de bem sofrerão sempre pelo seu contato. A Terra deles será libertada, e os homens caminharão sem entraves para um futuro melhor, que lhes está reservado nesse mundo, como prêmio de seus esforços e de sua perseverança, esperando que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

Por essa migração de Espíritos, não é preciso entender que todos os Espíritos retardatários serão expulsos da Terra, e relegados para mundos inferiores. Muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo; a casca neles era pior do que o fundo. Uma vez subtraídos à influência da matéria, e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria verá a coisa de maneira toda diferente do que quando vivos, assim como tendes disso numerosos exemplos. Nisso são ajudados pelos Espíritos benevolentes que se interessam por eles, e que se apressam em esclarecê-los e mostrar-lhes o falso caminho que seguiram. Pelas vossas preces e as vossas exortações, vós mesmos podeis contribuir para o seu adiantamento, porque há solidariedade perpétua entre os mortos e os vivos.

Aqueles poderão, pois, retornar, e nela serão felizes, porque isso será uma recompensa. Que importa o que foram e o que fizeram, se estão animados de melhores sentimentos! Longe de serem hostis à sociedade e ao progresso, serão auxiliares úteis, porque pertencerão à nova geração.

Não haverá, pois, exclusão definitiva senão para os Espíritos essencialmente rebeldes, aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais do que a ignorância, tornaram surdos à voz do bem e da razão. Mas aqueles mesmos não estão votados a uma inferioridade perpétua, e um dia virá em que repudiarão o seu passado e abrirão os olhos à luz.

Pedi, pois, por esses endurecidos, a fim de que se emendem enquanto ainda têm tempo, porque o dia da expiação se aproxima.

Infelizmente, a maioria, desconhecendo a voz de Deus, persistirá em sua cegueira, e sua resistência marcará o fim de seu reino por lutas terríveis. Em seu desvio, eles mesmos correrão para a sua perda; levarão à destruição que engendrará uma multidão de flagelos e de calamidades, de sorte que, sem o querer, apressarão o advento da era da renovação.

E, como se a destruição não caminhasse bastante rápida, ver-se-ão os suicídios se multiplicarem, numa proporção inaudita, até entre as crianças. A loucura jamais terá ferido um maior número de homens que serão, antes da morte, riscados do número dos vivos. Estão aí os verdadeiros sinais dos tempos. E tudo isso se cumprirá pelo encadeamento das circunstâncias, assim como dissemos, sem que sejam em nada derogadas as leis da Natureza.

No entanto, através da nuvem sombria que vos envolve, e no seio da qual ronca a tempestade, já vedes despontar os primeiros raios da era nova! A fraternidade põe os seus fundamentos sobre todos os pontos do globo e os povos se estendem as mãos; a barbárie se familiariza ao contato da civilização; os preconceitos de raça e de seitas, que fizeram verter ondas de sangue, se extinguem; o fanatismo, a intolerância, perdem terreno, ao passo que a liberdade de consciência se introduz nos costumes e se torna um direito. Por toda a parte as idéias fermentam; vê-se o mal e se tentam remédios, mas muitos caminham sem bússola e se desviam nas utopias. O mundo está num imenso trabalho de criação, que irá durar um século; nesse trabalho, ainda confuso, vê-se, entretanto, dominar uma tendência para um objetivo: o da unidade e da uniformidade que predis põem à fraternidade.

Ainda aí estão os sinais dos tempos; mas, ao passo que os outros são os da agonia do passado, estes últimos são os primeiros vagidos da criança que nasce, os precursores da aurora que o século próximo verá erguer-se, porque então a nova geração estará em toda a sua força. Tanto a fisionomia do século XIX difere da do XVIII em certos pontos de vista, tanto a do vigésimo século será diferente do décimo-nono em outros pontos de vista.

Um dos caracteres distintivos da nova geração será a fé inata; não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada que esclarece e fortalece, que os une e os confunde num comum sentimento de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social.

O Espiritismo é o caminho que conduz à renovação, porque arruína os dois maiores obstáculos que a ele se opõe: a incredulidade e o fanatismo; desenvolve todos os sentimentos e todas as idéias que correspondem aos objetivos da nova geração; por isso é como inato e no estado de intuição no coração de seus representantes. A nova era vê-lo-á, pois, aumentar e prosperar pela própria força das coisas. Tornar-se-á a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

Mas daqui até lá, quantas lutas terá ainda que sustentar contra os seus dois maiores inimigos: a incredulidade e o fanatismo, coisa bizarra, se dão as mãos para abatê-lo! Pressentem seu futuro e sua ruína: é por isso que o temem porque o vêem já plantar, sobre as ruínas do velho mundo egoísta, a bandeira que deve reunir todos os povos. Na divina máxima: Fora da caridade não há salvação lêem a sua própria condenação, porque é o símbolo da nova aliança fraternal proclamada pelo Cristo. Mostra-se a eles como as palavras fatais do festim de Baltazar. E, todavia, essa máxima, deveriam bendizê-la, porque ela lhes garante de todas as represálias da parte daqueles que perseguem. Mas não, uma força cega os impele a rejeitar o que somente poderia salvá-los!

Que poderão contra o ascendente da opinião que os repudia? O Espiritismo sairá triunfante da luta, disso não duvideis, porque está nas leis da Natureza, e por isso mesmo é imperecível. Vede por qual multidão de meios a idéia se difunde e penetra por toda parte; crede bem que esses meios não são fortuitos, mas providenciais; o que, à primeira vista, pareceria dever lhe prejudicar, é precisamente o que ajuda a sua propagação.

Logo ver-se-á surgirem os lutadores altamente devotados entre os mais consideráveis e os mais reputados, que o apoiarão com a autoridade de seu nome e de seu exemplo, e imporão silêncio aos seus detratores, porque não se ousará mais tratá-los de loucos. Esses homens estudam no silêncio e se mostrarão quando o momento propício chegar. Até lá, é útil que se mantenham à parte.

Logo também vereis as artes nele haurir como numa mina fecunda, e traduzir seus pensamentos e os horizontes que descobrem pela pintura, pela música, pela poesia e pela literatura. Foi-vos dito que haveria um dia uma arte espírita, como houve a arte pagã e a arte cristã, e é uma grande verdade, porque os maiores gênios nele se inspirarão. Logo vereis os seus primeiros esboços, e mais tarde tomará o lugar que deve ter.

Espíritas, o futuro é vosso e de todos os homens de coração e de devotamento. Não temais os obstáculos, porque não há nenhum deles que possa entravar os desígnios da Providência. Trabalhai sem descanso, e agradecei a Deus por vos haver colocado na vanguarda da nova falange. É um posto de honra que vós mesmos pedistes, e do qual é preciso vos tornar dignos pela vossa coragem, vossa perseverança e vosso devotamento. Felizes aqueles que sucumbiram nessa luta contra a força; mas a vergonha será, no mundo dos Espíritos, para aqueles que sucumbirem por fraqueza ou pusilaminidade. As lutas, aliás, são necessárias para fortalecer a alma; o contato do mal faz apreciar melhor as vantagens do bem. Sem as lutas que estimulam as faculdades, o Espírito se deixaria ir para uma negligência funesta ao seu adiantamento. As lutas contra os elementos desenvolvem as forças físicas e a inteligência; as lutas contra o mal desenvolvem as forças morais.

Marcha gradual do Espiritismo. Dissidências e entraves

27 DE ABRIL DE 1866

(Paris, em casa do sr. Leymarie, méd. sr. L...)

Caros condiscípulos, o que é verdadeiro deve ser; nada pode se opor à irradiação de uma verdade; às vezes, pode-se velá-la, torturá-la, fazer nela o que fazem os teredos nos diques holandeses; mas uma verdade não é edificada sobre estaca: ela corta o espaço; está no ar ambiente, e se pôde deslumbrar uma geração, há sempre encarnações novas, de recrutamentos da erraticidade que vêm trazer germes fecundos, outros elementos, e que sabem atrair para eles todas as grandes coisas desconhecidas.

Não vos apresseis muito, amigos; muitos dentre vós gostariam de ir a vapor, e nesse tempo de eletricidade, correr como ela. Esqueceis as leis da Natureza, gostaríeis de ir mais depressa do que o tempo. Refleti, no entanto, o quanto Deus é sábio em tudo. Os elementos que constituem o vosso planeta sofreram uma longa e laboriosa criação; antes que pudésseis existir, foi necessário que tudo se constituísse segundo a aptidão de vossos órgãos. A matéria, os minerais, fundidos e refundidos, os gases, os vegetais, pouco a pouco harmonizados e condensados, a fim de permitir a vossa eclosão sobre a Terra. É a eterna lei do trabalho que não cessou de reger os seres inorgânicos, como os seres inteligentes.

O Espiritismo não pode escapar a essa lei, à lei da criação. Implantado sobre um solo ingrato, é preciso que haja suas más ervas, seus maus frutos. Mas também, cada dia se roçam, se arrancam, se cortam os maus ramos; o terreno se surriba insensivelmente, e quando o viajor, fatigado das lutas da vida, encontrar a abundância e a paz à sombra de um fresco oásis, virá estancar a sua sede, enxugar seus suores, nesse reino lenta e sabiamente preparado; ali o rei é Deus, esse dispensador generoso, esse igualitário judicioso, que sabe bem que o trajeto a seguir

é doloroso, mas fecundo; penoso, mas necessário; o Espírito formado na escola do trabalho, dela sai mais forte e mais apto para as grandes coisas. Aos desfalecidos ele diz: coragem; e como esperança suprema, deixa entrever, mesmo aos mais ingratos, um ponto de atraso, ponto salutar, caminho demarcado pelas reencarnações.

Ride das vãs declamações: deixai falar os dissidentes, berrar aqueles que não podem se consolar por não serem os primeiros; todo esse pequeno ruído não impedirá o Espiritismo de fazer invariavelmente o seu caminho; é uma verdade, e, como um rio, toda verdade deve seguir o seu curso.

Publicações Espíritas

16 DE AGOSTO DE 1867

SOCIEDADE DE PARIS.

(Médium sr. M... em sonambulismo.)

Nota. – O Sr. L... acabava de anunciar que se propunha a mandar fazer obras espíritas que venderia a preços fabulosamente reduzidos. Foi a esse respeito que o Sr. Morin disse o que se segue, durante o seu sono.

Os espíritas são numerosos hoje, mas muitos não compreendem ainda a importância eminentemente moralizadora e emancipadora do Espiritismo. O núcleo que sempre seguiu o bom caminho continua a sua caminhada lenta mas segura; afasta-se de todos os partidários, e se ocupa daqueles que deixa no caminho.

Infelizmente, mesmo entre os membros que formam o núcleo fiel, há os que vêem tudo belo nos outros como nele, e, fácil e benevolentemente, se deixam prender pelas aparências e vão tolaamente se ligar ao engodo de seus inimigos, de uma personalidade que diz se despojar, dar seu sangue, seu bem, sua inteligência para o triunfo da idéia. Pois bem! Relede a comunicação (comunicação que acabara de escrever), e vereis que entre certos indivíduos tais sacrifícios não podem ser feitos sem dissimulação.

É necessário desconfiar dos devotamentos e das generosidades sem utilidade, como da veracidade das pessoas que dizem não mentir jamais.

Pretender dar uma coisa a preços impossíveis, sem nisso perder, é uma astúcia de profissão; fazer mais ainda: dar por nada, supostamente pelo excesso de zelo a título de prêmio, todos os elementos de uma doutrina sublime, é o sublime da hipocrisia. Espíritas, guardai-vos!

Acontecimentos

16 DE AGOSTO DE 1867

(Sociedade de Paris, médium sr. D...)

13. – A sociedade em geral, dizendo melhor, a reunião de seres, tanto encarnados quanto desencarnados, que compõem a população flutuante de um mundo, em uma palavra, de uma Humanidade, não é outra coisa senão uma grande criança coletiva que, como todo ser dotado de vida, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, desde o nascimento até a idade mais avançada; e, do mesmo modo que o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado de

certas perturbações físicas e intelectuais que incumbem mais particularmente a certos períodos da vida, a Humanidade tem as suas doenças de crescimento, seus transtornos morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas, que termina um período e que começa outro, a que vos é dado assistir. Participando, ao mesmo tempo, das coisas do passado e das do futuro, sistemas que desmoronam e às verdades que se fundam, tende cuidado, meus amigos, de vos colocar do lado da solidez, do progresso e da lógica, se não quereis ser arrastados à deriva; e abandonar os palácios suntuosos quanto à aparência, mas vacilante pela base e que enterrarão logo sob as suas ruínas os infelizes, bastante insensatos para não quererem dele sair, apesar das advertências de toda natureza, que lhes são prodigalizadas.

Todas as frentes se ensombrecem, e calma aparente, da qual gozais, não serve senão para acumular maior número de elementos destruidores.

Algumas vezes, a tempestade que destrói o fruto dos suores de um ano está precedida de precursores que permitem tomar as precauções necessárias, para evitar, tanto quanto possível, a devastação. Desta vez, isso não será assim. O céu sombrio parecerá se iluminar; as nuvens fugirão, depois, de repente, todos os furores, por muito tempo comprimidos, se desencadearão com uma violência inaudita.

Infelizes aqueles que não terão se preparado um abrigo! Infelizes os fanfarrões que irão ao perigo com o braço desarmado e o peito descoberto! Infelizes aqueles que afrontarão o perigo com a taça na mão! Que decepção terrível os espera? A taça sustentada pela mão não irá alcançar seus lábios, que serão feridos!

À obra, pois, Espíritos, e não esqueçais que deveis ser todo prudência e todo providência. Tendes um escudo, sabeis dele se servir; uma âncora de salvação, não a negligencieis.

Minha nova obra sobre a Gênese

9 DE SETEMBRO DE 1867

(Séjur, sessão íntima. Médium sr. D...)

(Comunicação Espontânea.)

Duas palavras primeiro para a obra que está em trabalho. Como dissemos muitas vezes, é urgente pô-la em execução sem atraso e apressar, o mais possível, a sua publicação. É necessário que a primeira impressão seja produzida sobre os Espíritos quando o conflito europeu estourar; se ela tardasse, os acontecimentos brutais poderiam desviar a atenção das obras puramente filosóficas; e como esta obra está chamada a desempenhar o seu papel na elaboração que se prepara, não é preciso deixar de apresentá-la em tempo oportuno. Entretanto, não seria necessário, não mais para isso, restringir-lhe os desenvolvimentos. Dai-lhe toda amplitude desejável; cada pequena parte tem o seu peso na balança da ação, numa época tão decisiva quanto essa, e não é preciso nada negligenciar, não mais na ordem material do que na ordem moral.

Pessoalmente, estou satisfeito com o trabalho, mas a minha opinião é pouca coisa perto da satisfação daqueles a quem ela está chamada a transformar. O que me alegra, sobretudo, são suas conseqüências sobre as massas, tanto do espaço quanto da Terra.

Pergunta. – Se nada vier embaraçá-la, a obra poderá aparecer em dezembro. Prevedes obstáculos?

Resposta. – Não prevejo nada de dificuldades insuperáveis; a vossa saúde seria o principal, é por isso que vos aconselhamos, sem cessar, para não negligenciá-la. Quanto aos obstáculos exteriores, não pressinto nada de sério neles.

Dr. D.

A Gênese

22 DE FEVEREIRO DE 1868

(Comunicação particular. Médium sr. D...)

Em seguida a uma comunicação do Dr. Demeure, em que me dá sábios conselhos sobre as modificações a levar ao livro da Gênese, quando de sua reimpressão, da qual me convidou a me ocupar sem atraso, disse-lhe:

A venda tão rápida até aqui se acalmará, sem dúvida; é o efeito do primeiro momento. Creio, pois, que a quarta e a quinta edições terão mais tempo para se esgotarem. No entanto, como é necessário um certo tempo para a revisão e a reimpressão, importa não ser pego inesperadamente. Poderíeis me dizer, aproximadamente, quanto tenho de tempo diante de mim, para agir em consequência?

Resposta. – É um trabalho sério essa revisão, e vos convido a não esperar muito tempo para empreendê-la: é melhor que estejais pronto antes da hora do que se se devesse esperar depois de vós. Sobretudo, não vos apresseis. Apesar da contradição aparente de minhas palavras, me compreendeis sem dúvida. Colocai-vos prontamente à obra, mas não a tendes continuamente por muito tempo. Tomai vosso tempo: as idéias serão mais límpidas, e o corpo com isso ganhará, fatigando-se menos.

É necessário, no entanto, vos esperar um escoamento rápido. Quando vos dissemos que esse livro seria um sucesso, entre os vossos sucessos, entendíamos ao mesmo tempo um sucesso filosófico e material. Como vedes, nossas previsões eram justas. Ficai pronto a toda hora, isso será mais rápido do que o supondes.

Nota. – Numa comunicação de 18 de dezembro, foi dito: Isto será, certamente, um sucesso entre os vossos sucessos. É notável, que com dois meses de intervalo, um outro Espírito repita precisamente as mesmas palavras, dizendo: Quando nós vos dissemos, etc. Essa palavra nos prova que os Espíritos agem de acordo, e que, freqüentemente, um só fala em nome de vários.

Acontecimentos

PARIS, 23 DE FEVEREIRO DE 1868

(Comunicação íntima dada ao sr. C..., médium.)

Ocupai-vos, desde o presente, com o trabalho que tendes esboçado, sobre os meios de ser um dia útil aos vossos irmãos de crença, e de servir à causa da Doutrina, porque seria possível que os acontecimentos se desenrolassem não vos deixando lazeres suficientes para a eles se entregar.

Esses acontecimentos, eles mesmos, trarão fases durante as quais o pensamento humano poderá se produzir com uma liberdade absoluta. Naqueles momentos, os cérebros em delírio, desprovidos de toda direção sadia, criarão tais enormidades, que o anúncio do aparecimento

próximo da besta do Apocalipse, não espantaria ninguém e passaria despercebido. As turbas vomitaram todas as loucuras humanas, até o esgotamento das paixões que terão engendrado.

Semelhante tempo será favorável aos espíritas. Eles se contarão; prepararão seus materiais e suas armas. Ninguém pensará em inquietá-los, porque não incomodarão a ninguém. Serão os únicos discípulos do Espírito, e os outros serão discípulos da matéria.

Meus trabalhos pessoais. Conselhos Diversos

Paris, 4 de julho de 1868. - Médiun sr. D.

Os vossos trabalhos pessoais estão num bom caminho; persegui a reimpressão da vossa última obra; fazeis o vosso quadro geral para o fim do ano, é uma coisa útil e recolocai o resto sobre nós.

O impulso produzido pela Gênese não está senão em seu início, e muitos dos elementos abalados pelo seu aparecimento se alinharão logo sob a vossa bandeira; outras obras sérias aparecerão ainda para acabar de esclarecer o pensamento humano sobre a nova doutrina.

Aplaudo igualmente a publicação das cartas de Lavater: é uma pequena coisa destinada a produzir grandes efeitos. Em suma o ano será frutífero, para todos os amigos do progresso racional e liberal.

Estou também inteiramente de acordo em que se publique o resumo que vos propusestes fazer sob forma de catecismo, ou manual, mas também de opinião de limpá-lo com cuidado. Quando estiverdes por fazê-lo aparecer, não esqueçais de me consultar sobre o título, terei talvez um bom conselho para vos dar, então, e do qual os termos dependerão dos acontecimentos realizados.

Quando vos aconselhamos recentemente para não esperar muito tempo, para vos ocupar do remanejamento da Gênese, dizíamos que haveria a acrescentar em diferentes lugares, a preencher algumas lacunas, e condensar alhures a matéria, a fim de não dar mais extensão ao volume.

As nossas observações não foram perdidas e estaremos felizes em colaborar no remanejamento dessa obra, como por ter contribuído para a sua execução.

Eu vos convidaria hoje a receber com cuidado sobretudo os primeiros capítulos, dos quais todas as idéias são excelentes, que não contêm nada que não seja verdadeiro, mas dos quais certas expressões poderiam se prestar para uma interpretação errônea. Salvo essas retificações, que vos aconselho a não negligenciá-las, porque não se rejeita sobre as palavras senão quando não se pode atacar as idéias, não tenho nada de outra coisa a vos indicar a esse respeito. Aconselho, por exemplo, a não perder o tempo; vale mais que os volumes esperem o público do que este por eles. Nada deprecia mais uma obra do que uma lacuna na sua venda. O editor impaciente por não poder responder aos pedidos que lhes são feitos, e que falta a ocasião de vender, se arrefece pelas obras de um autor imprevidente; o público se fatiga de esperar e a impressão produzida tem dificuldade de apagar-se.

De outra parte não é mau que tenhais alguma liberdade de espírito para evitar as eventualidade que podem nascer ao vosso redor, e dar os vossos cuidados aos estudos particulares que, segundo os acontecimentos, podem ser suscitados atualmente ou remetidos a tempos mais propícios.

Preparai-vos, pois, pronto para tudo; sede livre de todo entrave, seja para vos entregar a um trabalho especial, se a tranquilidade geral o permitir, seja para estar preparado para todo acontecimento, se complicações imprevistas vierem a necessitar, de vossa parte, uma determinação súbita. O ano próximo será logo esperado; é preciso, pois, no fim deste, dar a última demão à primeira parte da obra espírita, a fim de ter o campo livre para terminar a tarefa que concerne ao futuro.